

Períodos Guarani

Robert A. Dooley

Versão Preliminar

Associação Internacional de Lingüística - SIL Brasil
Cuiabá - MT
2008*

*Esta é uma reprodução fiel da edição original de 1977 (Arquivo Lingüístico, Summer Institute of Linguistics: Brasília, DF), exceto pela paginação, que não segue a original porque o tamanho das páginas foi mudado; e pela correção de alguns erros de grafia.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	3
2. O PERÍODO COMO ESTRUTURA GRAMATICAL	3
2.1. Elementos da gramática oracional	4
2.1.1. Tipos de oração.....	4
2.1.2. Orações nominalizadas	4
2.1.3. Verbos auxiliares	5
2.2. O núcleo do período.....	5
2.2.1. Conjunções subordinativas	6
2.2.2. Diferenças gramaticais entre orações dependentes e independentes.....	7
2.2.3. Evidência de relação dependente específica.....	8
2.2.4. Dependência progressiva e regressiva.....	9
2.2.5. Padrão básico de dependência	14
2.2.6. Redeclaração e série	17
2.2.7. Coordenação	18
2.3. A periferia do período.....	20
2.3.1. Conjunções iniciais de período.....	20
2.3.2. Vocativos.....	21
2.4. Períodos gramaticais e fonológicos	22
2.5. Tipos de período	24
3. O PERÍODO COMO VEÍCULO DE INFORMAÇÃO.....	25
3.1. Padrão informacional fundamental na narrativa.....	26
3.2. Eventos e períodos vinculados.....	27
3.2.1. Eventos e não-eventos	27
3.2.2. Vínculos.....	30
3.2.3. Divergência do padrão fundamental.....	32
3.3. Não-eventos e orações dependentes.....	37
3.3.1. Tipos de não-eventos.....	37
3.3.1.1. Não-eventos restritos.....	38
3.3.1.2. Não-eventos extensos.....	40
3.3.1.3. Ambos os tipos	41
3.3.2. Orações dependentes	42
3.3.3. Rebaixamento de eventos	42
3.4. Redeclaração.....	43
3.5. O conceito de causalidade de Roger Schank	44
Notas.....	47
Bibliografia.....	53

1. INTRODUÇÃO.

Os períodos, bem como a maioria das categorias gramaticais, podem ser examinadas sob ponto de vista estrutural ou funcional, complementando-se os dois. A presente análise de períodos da língua guarani organiza-se, portanto, em duas seções.¹ A análise estrutural trata dos elementos gramaticais que compõem o período e a maneira em que estes estão ligados. A análise funcional investiga o uso de períodos e os componentes dos mesmos no processo dinâmico de comunicação.

O presente estudo não visa taxionomias completas, nem no caso estrutural, nem no funcional. Tende a abordar por alto os tipos e usos menos comuns, apesar dos perigos inerentes em tal estratégia. O presente trabalho visa examinar em toda sua amplitude os elementos mais típicos, estatisticamente mais evidentes, dos períodos, descrevendo por assim dizer as normas. Mesmo assim, não se omite nenhuma construção de importância teórica óbvia ou que constitua significativa exceção à descrição geral aqui elaborada.

2. O PERÍODO COMO ESTRUTURA GRAMATICAL.

Segue uma descrição do período guarani nos termos mais latos possíveis: o período consiste de uma serie de orações gramaticalmente vinculadas, além de certos constituintes periféricos. O termo 'gramaticalmente vinculados' se refere principalmente à presença de conjunções, tanto subordinativas como coordenativas, que ligam as orações de um período. (Estas conjunções são analisadas em 2.2.1. e 2.2.7.) Abrange também a entonação, analisada em 2.2.6. e 2.4.

Esta descrição se torna mais precisa, levando-se em conta a diferença hierárquica entre a subordinação e a coordenação de orações. Uma estrutura composta de orações ligadas por subordinação pode ser coordenada como um todo com outra estrutura, mas uma estrutura composta de orações ligadas por coordenação não pode ser subordinada como um todo a outra estrutura. Por isso, é possível reconhecer um nível hierárquico abaixo do qual só se pode realizar subordinação e acima do qual só é possível coordenação.² Tal nível se chama núcleo de período. Um núcleo, portanto, é integrado por uma oração, ou por várias orações vinculadas através de subordinação; os núcleos de período podem ser coordenados entre si dentro do período. (À parte esta distinção entre subordinação e coordenação, os núcleos de período podem ser reconhecidos proveitosamente também de outra forma, na descrição recursiva de subordinação (2.2.5.)). Ilustrar-se-ão logo a seguir estas afirmações introdutórias .

Assim, os constituintes de um período não são verdadeiras orações mas núcleos de período, como indicados pela fórmula (1).

$$(1) \quad \text{Período} = (\text{Conjunção inicial}) \\ \text{Núcleo}^n (\text{Vocativo})$$

Nota: núcleoⁿ é aquele que contém um ou mais núcleos sem limite fixo.

Como nas outras fórmulas do presente trabalho, os parênteses indicam optatividade, sendo fixa a ordem linear (mas veja 2.3.2.).

Os dois elementos facultativos – as conjunções iniciais e os vocativos – constituem a periferia do período.³

No presente trabalho, apresentam-se certos elementos da gramática oracional na Seção 2.1., após a qual segue uma discussão dos núcleos de período (2.2.) e da sua periferia (2.3.). A Seção 2.4. considera a interação de critérios gramaticais e fonológicos na segmentação do texto em períodos, e na Seção 2.5. se dá uma discussão resumida dos tipos de períodos existentes.

Os dados sobre os quais se baseia este estudo abrangem enunciados ouvidos em conversação e uma meia dúzia de textos escritos ou gravados.⁴ Escasso uso se faz de informação solicitada.

2.1. Elementos da gramática oracional.

2.1.1. Tipos de oração

As orações da língua guarani são analisadas (Aaron, 1964) como pertencentes a quatro tipos principais: transitivo, intransitivo, estativo e equacional, cada um dos quais apresenta diversos sub-tipos. Dentro de um período, orações de qualquer destes quatro tipos podem ocorrer como dependentes ou independentes.⁵ E mais, quando dois ou mais destes tipos oracionais ocorrem num período, parece não haver restrição gramatical com respeito a quais deles podem ocorrer dependente ou independentemente com relação a orações de outros tipos. Assim, a classificação de orações parece ter pouco a ver com a estrutura do núcleo do período ou com a do período em geral.

Os rótulos 'imperativo', 'permissivo', e 'interrogativo', por outro lado, se aplicam a períodos. Estes são tratados em 2.5.

2.1.2. Orações nominalizadas.

As orações podem ser nominalizadas pelo acréscimo de um sufixo ou de mais um vocábulo (-a, va'e, pyre, aguã com indicadores do tempo verbal).⁶ As orações nominalizadas entram em relações paradigmáticas com locuções nominais; sempre que cabe uma locução nominal, cabe igualmente uma oração nominalizada. Assim, as orações nominalizadas são constituintes de locuções e de orações, mas não de períodos (com a possível exceção do vocativo). Por isso, as orações nominalizadas não se analisam como orações dependentes, no sentido em que tal termo se aplica no presente estudo.

Contudo, uma oração nominalizada por va'e pode ser precedida de uma outra oração que depende dela.

(2) ...jojopy vy joguero'axe rive va'e

'...um que, apanhando outros, gosta de brigar com eles'

Isto sugere que, em vez de falarmos de orações nominalizadas, devemos referir-nos a núcleos de período nominalizados, indicando-se a nominalização apenas na oração independente. Porém, a maioria das orações nominalizadas carece de outras orações delas dependentes.

2.1.3. Verbos auxiliares.

Existem na língua guarani dois tipos de verbo auxiliar: interno e externo. Na locução verbal

- (3) ...ojapo kuaa oikovy
'...eles todos sabem (como) fazê (-lo)'

o sufixo kuaa 'saber' constitui auxiliar interno e oikovy, um verbo que denota condição ou atividade contínua, auxiliar externo.

Os auxiliares internos já foram descritos por Aaron (1965). Ele analisa os auxiliares externos como sendo orações dependentes. Estas, porém, diferem de outras orações dependentes de cinco formas: 1) O sujeito delas concorda sempre com o verbo principal que acompanha. 2) Seguem imediatamente à locução verbal que acompanham, ao passo que orações dependentes podem aparecer antes ou depois dela, com intervenção de outros constituintes oracionais. 3) É uma classe bastante reduzida de verbos que podem ser empregados como auxiliares externos.⁷ 4) Aquilo que em outros contextos constitui conjunção subordinativa (CS) vy, atônica, é acentuado quando usado com auxiliares externos.⁸ 5) Os auxiliares externos indicam aspecto temporal do verbo principal, ou ação simultânea ou temporalmente contígua a ele. Por estas razões, outros auxiliares são aqui considerados como parte da locução verbal estendida, ou seja, parte da estrutura oracional, e não como constituintes do período, como seria o caso de orações dependentes.

2.2. O núcleo do período.

A primeira vista ao núcleo do período será dada através da fórmula:

- (4) Núcleo do período = (Oração dependente CS)ⁿ Oração independente (Oração dependente CS),

na qual CS significa 'conjunção subordinativa'.

Esta fórmula é deficiente, em pelo menos dois aspectos. Primeiramente, apresenta as orações de um período como sendo ordenadas linearmente. Em Guarani, isso nem sempre acontece. Uma oração dependente pode interpôr-se entre o sujeito e o predicado de outra oração.

- (5) A'e va'ekue jagua je, Vera oo roxaro py jave, oo exeve.

'Aquele cachorro, quando Verá foi ao roçado, foi junto com ele.'

- (6) Xero, oky rã, otykypa.

'Minha casa, quando chove, pinga completamente.'

Visto que é o sujeito que assim se separa do resto da oração, tal fenômeno pode ser um caso de 'sujeito prematuro' que indica algum tipo de topicalização (Chafe 1976, págs. 51-3). Isto, contudo, acontece raramente em Guarani, bem menos em textos falados do que em escritos. Seja

o que for, tal fenômeno não será mais considerado nesta pesquisa; todas as orações encontradas no restante do material são ordenadas linearmente dentro de seus períodos.

A segunda deficiência da fórmula (4) é mais séria. Esta fórmula não especifica, de qual das orações depende determinada oração dependente. Este assunto é de certa complexidade na língua guarani. Uma oração dependente nem sempre depende da oração independente do período; depende, sim, de alguma oração adjacente, seja esta anterior ou posterior a ela mesma (salvo no caso de orações dependentes redeclaradas, como se vê em 2.2.6.). Em (7), cada uma das duas orações iniciais depende da oração que a segue:

(7) Oipyxo ta kyxe'i py ramove pyxâi opo ramo ojavy.

'Porque, no momento em que eles estavam para esfaqueá-lo, Retrupé pulou, eles erraram a pontaria.'

Nesta seção analisa-se bastante detalhadamente o núcleo do período, visando-se uma descrição do padrão de dependência (subordinação) oracional, pois é esta a maneira mais comum de relacionar orações dentro do núcleo do período. Depois, em 2.2.6. e 2.2.7., analisam-se ainda outras maneiras: redeclaração, séries e coordenação .

2.2.1. Conjunções subordinativas.

As conjunções subordinativas são:

Indicadores referentes ao sujeito:

<u>vy</u>	- 'mesmo sujeito'
<u>rã</u>	- 'sujeito diferente'
<u>ramo</u>	- 'sujeito diferente'

Propósito

<u>aguã</u>	- 'para'
-------------	----------

Temporal:

<u>rire</u>	- 'após'
<u>jave</u>	- 'durante, simultaneamente com (sujeito diferente)'
<u>reve</u>	- 'durante, simultaneamente com (mesmo sujeito)'
<u>nhavõ</u>	- 'cada vez que'

As conjunções vy, rã e ramo não possuem significado semântico em si, senão somente o significado estrutural de comparação do referente subjetivo de duas classes, como se vê em suas respectivas glosas. Há sempre implícita, porém, alguma relação temporal ou causal entre as duas classes relacionadas por estas conjunções. No caso não-marcado, tal relação é em certo sentido causal. Ou seja, a menos que haja indicador superficial de relação temporal (e mesmo quando há, por vezes), subentende-se uma relação causal.

(8) Takua ruxuty guy py oroexa ramo ndajukai yvyra py.

'Já que vimos (a cobra) no fundo de um taquaral, não pude matá-la com um pau.'

Os indicadores superficiais de relação temporal estão presentes mais comumente se uma oração dependente acompanhada de vy, rã ou ramo relata uma ação (em vez de um estado). Tais indicadores incluem as expressões de aspecto ma 'já', jevvy 'novamente', rai 'quase', ou -pa 'completamente' após verbo e -ve 'mais' ou voi 'logo' após conjunção subordinativa. A relação temporal assim indicada é seqüencial em todos os casos: a ação da oração dependente precede a ação ou estado da oração imediata.

Se faltam tais indicadores temporais, ou se a oração dependente se refere a estado, deve subentender-se sempre alguma relação causal.⁹ Tal relação causal trata mais comumente de motivo-e-resultado ou, como em (8), de causa-e-resultado. Específicas relações causais são às vezes indicadas mediante indicadores superficiais: ri dentro de oração dependente indica uma condição de realização incerta, e jepe após conjunção subordinativa denota concessão.

Na maioria das ocorrências de vy, rã e ramo, porém, deve subentender-se tanto uma seqüência temporal quanto alguma forma de causalidade, sendo os dois elementos de importância relativamente igual.

(9) Ndojoui vy oeka oovy.

'Já/Depois que ele não (o) achou, foi buscar/buscá-lo.'

O indicador de propósito aguã 'para' é analisado em 2.2.4.

Aparecem nos exemplos seguintes os quatro indicadores temporais.

(10) Nhama'etỹ e'ỹ rire ndajakarui.

'Depois de não plantarmos, não comemos.'

(11) A'e oo ju ma jave xee ju aju apy.

'Enquanto ele já tinha ido de novo, eu vim aqui.'

(12) Ivai vaipa reve oguejy yvyra gui.

'Estando muito zangado, ele desceu da árvore.'

(13) Festa oiko nhavõ oromonhe'ỹ atã oreruvixa.

'Cada vez que há uma festa, nosso chefe grita para nós.'

2.2.2. Diferenças gramaticais entre orações dependentes e independentes.

Três características servem para diferenciar as orações dependentes e independentes. A indicação expressa pela primeira das características é suficiente para estabelecer a diferença, sendo que as outras duas são meras tendências observadas.

A mais óbvia das diferenças é o fato de estarem as orações dependentes acompanhadas de conjunção subordinativa, ao passo que as orações independentes carecem de tal acompanhamento. No caso de uma oração motivacional que depende de uma oração de movimento, porém, omite-se às vezes a conjunção subordinativa (v. 2.2.4.).

Em segundo lugar, em orações dependentes existe forte tendência de se evitar verbos auxiliares externos. Há alguns exemplos, porém poucos, do uso deles em orações dependentes, como se vê a seguir.

- (14) A'e py je ovaẽ o'amy vy ndoikuaai mba'e xa pa vexa'i
oguereko 'rã.

'Quando ele chegou lá, não sabia o que fazer com as ovelhas.'

Em terceiro lugar, os indicadores temporais não aparecem em orações dependentes senão sob determinadas condições bem específicas. As palavras temporais da língua guarani são gramaticalmente facultativas, e algumas delas indicam tanto o momento de ocorrência relativo a algum momento de orientação), como a verificação (identificação de quem pode e não pode verificar a informação dada). Um indicador de tempo pode aparecer numa oração dependente para apresentar apenas alguma verificação que de outra sorte poderia ser dada somente por meio de uma circunlocução.

- (15) Xivi a'e kuery renonde re oo ra'e rire onhemi.

'Depois que a onça, sem ser vista e no passado recente, seguiu diante deles, ele se escondeu.'

Além desta possibilidade, se os momentos de ocorrência diferem entre a oração dependente e aquela de que depende, um indicador temporal pode aparecer na dependente.

- (16) A'e ojaopopa ma voi araka'e rire ma a'e kuery opa mba'e japo
va'erã ae ma.

'Depois que ele criou tudo antes, há muito tempo, eles com certeza farão todas as coisas.'

Se não vigora nenhuma das condições acima, ou seja, a relacionada à verificação e a relativa ao tempo, é de se esperar a ausência de marcadores temporais nas orações dependentes.

2.2.3. Evidência de relação dependente específica.

À base de que se pode afirmar que a oração X seja dependente da oração Y e não, digamos, da oração Z? Qual é a evidência de determinada relação de dependência? Existem dois tipos de evidência, a gramatical e a lógica.

Uma oração depende gramaticalmente de outra se sua conjunção subordinativa prediz corretamente se os sujeitos das duas são ou não correferenciais. (Há outras condições que asseguram a dependência gramatical, mas esta é suficiente para um exame preliminar.) Assim no exemplo (7), repetido aqui, cada uma das duas primeiras orações depende gramaticalmente da oração que a segue.

(7) Oipyxo ta kyxe'i py ramove pyxãi opo ramo ojavy.

'Porque, no momento em que eles estavam para esfaqueá-lo, Retrupé pulou, eles erraram a pontaria.'

As dependências gramaticais de (7) se devem à ocorrência da conjunção subordinativa ramo 'sujeito diferente'.

Embora, como se explica em 2.2.1., nem todas as conjunções subordinativas tenham que ver com referências ao sujeito, tais referências predominam na grande maioria de orações dependentes; por isso, vê-se que o padrão de dependência oracional estabelecido por tais conjunções vigora também no caso de todas as outras conjunções subordinativas. Este padrão se descreverá a seguir em 2.2.4. e 2.2.5.

A evidência lógica é ilustrada também no exemplo (7). As relações causais e temporais mais plausíveis entre as orações deste período são aquelas que vigoram entre pares de orações gramaticalmente dependentes; tais relações lógicas são indicadas na glosa apropriada. Isto acontece consistentemente na língua guarani; a plausibilidade lógica e o sentido pretendido coincidem com o padrão de dependência estabelecido gramaticalmente. Dão-se a seguir mais dois exemplos.

(17) Xerembireko perojavaxe vy penhomongeta ramo xee aendupa.

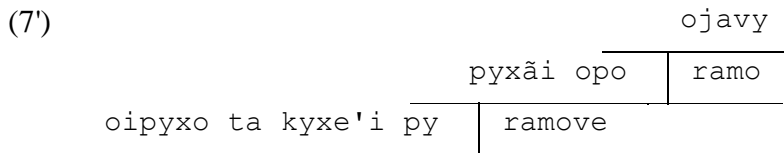
'Quando, porque você estava querendo fugir com minha esposa você dava conselhos a outros, eu ouvi tudo.'

(18) Ojapyxaka rã je vexa'i yvy'ã guy katy ju nhendu rã je a'e katy ju onha.

'Porque, enquanto ele ouvia as ovelhas balirem novamente, ao pé da subida, ele foi lá outra vez.'

2.2.4. Dependência progressiva e regressiva.

No presente trabalho, a dependência oracional será indicada de forma diagramática: uma oração é ligada à oração de que depende, e colocada um nível abaixo dela. Assim, vemos a seguir o diagrama do exemplo (7), analisado na seção anterior.



O subordinador oracional aparece logo à direita do conector vertical. Nestes diagramas, a orden das palavras iniciais das respectivas orações, a partir da esquerda, corresponde à sua real ordem de ocorrência, falada ou escrita.

Em (7), cada oração dependente depende da oração que a segue; dizemos que é progressivamente dependente. O exemplo (19) mostra que nem é sempre assim, pois as orações podem também ser repressivamente dependentes.

(19) oka pyve ju ajaty

 namombo rivexei | vy

'Eu o enterrei fora, no mesmo lugar, já que não queria apenas jogá-lo fora.'

No exemplo (19), a oração dependente 'não queria apenas jogá-lo fora', é apresentada como motivo da oração independente anterior 'eu o enterrei fora no mesmo lugar.'

A decisão de tornar determinada oração regressiva ou progressivamente dependente é resultado, não tanto de fatores gramaticais, como do tipo de relação lógica ou semântica existente. Analisam-se aqui, então, os tipos de relação lógica, pelo menos no sentido em que estes afetam o assunto que está sendo examinado.

As relações lógicas podem ser de ordem causal ou temporal. As relações temporais fundamentais, como no caso das conjunções subordinativas de 2.2.1., são as de seqüência e simultaneidade. Estas aparecem quase sempre codificadas progressivamente; de fato, as orações temporais ocupam normalmente posição inicial no núcleo do período. Existem uns poucos exemplos, porém, da relação temporal de simultaneidade codificada com dependência regressiva.

(20) omoĩ ju pire

 ou | vy

'Ele calçou a pele novamente enquanto vinha chegando.'

As relações causais são organizadas por Schank (1974, v-vi) em quatro categorias: causa de resultado, causa de capacitação, causa de motivo e causa-percepção. De acordo com estas categorias, podem afirmar-se certas tendências fundamentais. As relações temporais, e as de causa de resultado e capacitação, tendem a ser codificadas por meio de dependência progressiva. A causa de motivo tende a codificar-se por meio de dependência regressiva. No caso de causa-iniciação, devido a outros princípios que também influem, não se nota tendência evidente. O fato de que esta distribuição só pode constatar-se em termos de tendências se deve em parte à interação de diversos critérios: a distribuição de informação deve ser considerada, enfim, em conjunção com as relações lógicas já mencionadas. Apesar disso, as tendências se mostram bastante bem definidas.

As quatro relações causais, apud Schank, podem ser descritas da seguinte forma. A causa de resultado compreende a relação entre um ato e o resultado que este produz. Na língua guarani, a oração que relata o ato depende daquela que explica o resultado. A dependência é quase sempre progressiva.

- (21)

a'e rami nderu ijayvu	rã
jaa tema	

'Porque seu pai falou assim, vamos.'

É raramente regressiva.

- (22)

pejupa	ramo
--------	------

'Já não estamos contentes, pois vocês todos foram.' (literalmente, 'vieram')

A causa da capacitação compreende a relação entre um estado (possivelmente resultante de mudança de estado) e um ato que tal estado possibilita. A oração que explica o estado depende daquela que relata o ato, sendo a dependência quase sempre progressiva.

- (23)

kavaju juru xã je overapa rei va'e ikuai	rã je
kunha ovy'a vaipa	

'Já que as rédeas dos cavalos eram todas brilhantes, a mulher ficou muito contente.'

Esta dependência raramente é repressiva.

- (24)

ndeayvu 'rã oĩ	ri ramo
----------------	---------

'Fale, se tiver alguma coisa para dizer.'

A causa de motivo compreende a relação entre uma resolução para agir (estado mental, ou algum fator que produziu tal estado) e o próprio ato. A decisão ou estado mental é codificado como dependente do próprio ato. Tal dependência é normalmente regressiva.

- (25)

namombo rivexei	vy
-----------------	----

'Eu o enterrei fora, no mesmo lugar, já que não queria apenas jogá-lo fora.'

Um sub-tipo lógico e gramatical desta classe de causa é constituído pelas orações de propósito.¹⁰ Mais uma vez, a dependência é tipicamente regressiva (26) sendo raramente progressiva (27).

- (26)

aru	aguã mbojape
-----	--------------

'Fui para trazer pão.'

(27)
$$\begin{array}{c} \text{ko aju} \\ \hline \text{kavõ ajogua} \quad | \quad \text{aguã} \\ \hline \end{array}$$
 'Para comprar sabão, eu vim.'

Especialmente se a oração independente contém um verbo que se refere a falar introduz uma citação, qualquer oração de motivo ou propósito provavelmente será dependente progressivamente.

(28)
$$\begin{array}{c} \text{aipo e'i: "... " e'i.} \\ \hline \text{tuja'i ivai vai} \quad \text{guaɣy pe} \quad | \quad \text{vy je} \\ \hline \end{array}$$
 'O velho, muito brabo com sua filha, disse assim: "... " disse.'

Tal colocação da oração dependente é o meio mais comum para que o verbo falar aipo e'i 'disse assim' preceda imediatamente a citação (28). Um outro meio para realizar esta finalidade é colocar a oração dependente depois do verbo 'dizer', seguindo a citação.

(29)
$$\begin{array}{c} \text{aipo e'i : "... " e'i} \\ \hline \text{ivai} \quad | \quad \text{vy} \\ \hline \end{array}$$
 'Disse assim: "... " disse, estando brabo.'

Todavia, não é obrigatório que o verbo falar aipo e'i preceda imediatamente a citação; uma oração dependente de motivo ou propósito pode interpôr-se entre elas.

(30)
$$\begin{array}{c} \text{tajy aipo e'i ngu pe} \\ \hline \text{ivai} \quad | \quad \text{vy: "... " e'i.} \\ \hline \end{array}$$
 'A filha disse assim ao pai, estando braba: "... " disse.'

A causa-percepção compreende a relação entre um ato, estado ou mudança de estado e a percepção individual de tal fenômeno. A percepção sensorial é muitas vezes codificada com a oração de percepção sensorial (verbo intransitivo) em relação de dependência ao relato do fenômeno percebido.

(31)
$$\begin{array}{c} \text{yy ramigua oĩ a'i py} \\ \hline \text{a'e py oma'ẽ} \quad | \quad \text{rã je} \\ \hline \end{array}$$
 'Quando ele olhou lá, algo semelhante à água estava lá.'

Em outros casos, o relato do fenômeno percebido depende da oração de percepção sensorial (verbo transitivo).

(32) $\frac{\text{pyxãi oexa ma}}{\text{kamba kuery ou} \quad \text{ramo}}$
 'Retrupé viu quando os pretos chegaram.'

Os períodos de percepção mental evidenciam padrão semelhante. A oração de percepção mental (no exemplo abaixo, não está bem claro se o verbo é transitivo ou intransitivo) pode depender do relato do fenômeno percebido.

(33) $\frac{\text{xee aexa'ã} \quad \text{novaëi 'rã}}{\text{rã}}$
 'Acho que (literalmente, 'Como pensa') ele não vai chegar.'

Ou, um verbo de conhecimento (transitivo) pode ter, em relação dependente, o relato do fenômeno percebido.¹¹

(34) $\frac{\text{a'e va'e pytũ my mokõï jevy poryko juka ra'e} \quad \text{rei oikuaa oovy}}{\text{ramo}}$
 'O rei sabia que, naquela noite, mais dois porcos tinham sido mortos.'

Em todos os quatro exemplos acima citados de causa-percepção, a oração que relata o ato de percepção sensorial ou mental precede àquela que descreve o fenômeno. Já que isto vigora universalmente no uso guarani, parece não existir para determinada oração a opção de ser progressiva ou regressivamente dependente. A única opção aparente diz respeito à apresentação na oração independente do ato de percepção ou do fenômeno percebido.

O seguinte quadro resume o conteúdo da presente seção.

Relação lógica	Tendência de codificação
Temporal:	
Simultaneidade	Progressiva
Seqüência	Progressiva
Causal:	
Resultado	Progressiva
Capacitação	Progressiva
Motivo	Regressiva
Percepção	Mista

Figura 1.

Compete-nos fazer aqui duas observações acerca da Figura 1. Primeiramente, é muitas vezes difícil escolher apenas uma relação lógica que vigora exclusivamente entre duas orações dadas. Isto é precisamente assim, dado o fato de as conjunções subordinativas mais comuns (vy, rã, ramo) possuírem significado gramatical que não seja semântico. O leitor pode, se quiser, entender a Figura 1 como restrita às relações lógicas menos ambíguas.

Em segundo lugar, observa-se que o único tipo de oração dependente que faz com que a dependência seja geralmente regressiva, é a oração que expressa motivo ou propósito. A dependência progressiva, é pois, muito mais comum: de fato, mais de 95% de todas as orações dependentes são de dependência progressiva. Tal fato indica a natureza 'marcada' pela dependência regressiva; uma oração dependente será de dependência progressiva, a não ser que haja uma forte razão para que a mesma seja regressiva. Gregores e Suarez (1967:sec.17.24) comentam um fenômeno semelhante no Guaraní do Paraguai: "Deve se notar que os constituintes conjuntivos (basicamente, as orações dependentes, RAD) geralmente precedem a oração principal; apenas os introduzidos por porké ocorrem regularmente após a oração principal...porké é a forma mais freqüentemente usada para indicar causa."

Uma destas razões já se destacou: o relacionamento lógico de motivo ou propósito. Outra consideração é a seguinte: há uma tendência acentuada, já notada, para uma oração dependente justapôr-se à outra da qual é dependente. Nem sempre tal tendência é realizada (v. observação (iii) em 2.2.5.), mas geralmente é. Por conseguinte, se houver duas orações que ordinariamente seriam dependentes duma única oração independente, uma delas geralmente é colocada depois da oração independente, mesmo que não trate de motivo ou propósito (35).

(35)

ajapukai porã'i nho			
a'e va'e gui ma anhemondyi	vy	ajae'o	reve

'Assustado por causa disso, gritei bem alto, chorando o tempo todo.'

2.2.5. Padrão básico de dependência.

Como já se notou, a fórmula (4) é deficiente no sentido de não indicar quais orações que dependem de outras. Nas Seções 2.2.3. e 2.2.4., os exemplos e comentários confirmam as duas afirmações seguintes:

(i) Uma oração dependente, depende somente de uma oração contígua, seja progressiva ou regressiva esta relação (com exceção de orações dependentes redeclaradas, a serem explicadas em 2.2.6.).

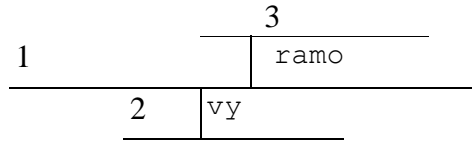
(ii) Uma oração que depende progressivamente de outra pode ainda receber uma outra oração progressivamente dependente dela mesma.

Nesta seção, mais duas observações, quando combinadas com (i) e (ii) acima, permitem elaboração de uma fórmula recursiva geral da dependência oracional que ocorre dentro de um núcleo de período.

(iii) A primeira destas novas observações é: uma oração que depende progressivamente de outra pode ainda receber uma outra oração regressivamente dependente dela mesma. Até este ponto, todas as orações regressivamente dependentes têm sido dependentes de alguma oração independente.

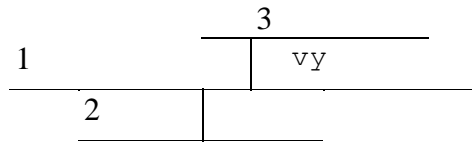
A observação (iii) é ilustrada pelos exemplos seguintes. Para que a página comporte os diagramas de dependência, as orações (mas não as conjunções iniciais de período) são fichadas por número.

- (36) A'e rire je ¹pavě gui kyrive va'e jevy oo ²poryko kora rarõ vy ramo ³tyke'y kuery ojojai rei imondovy.



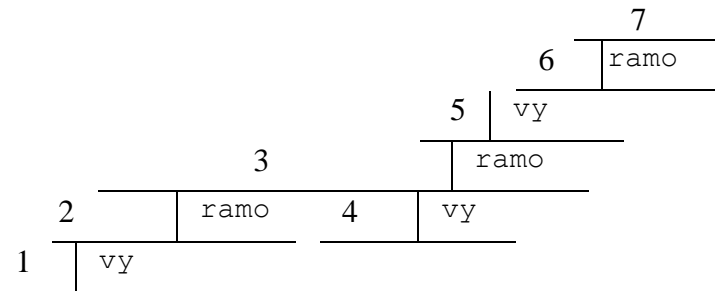
'Depois disso, porque o menor de todos foi guardar o chiqueiro, os irmãos maiores dele zombaram dele e o mandaram embora.'

- (37) A'e rire je ¹a'e javive kamba kuery ou ²ovaexĩ vy ³oporandu.



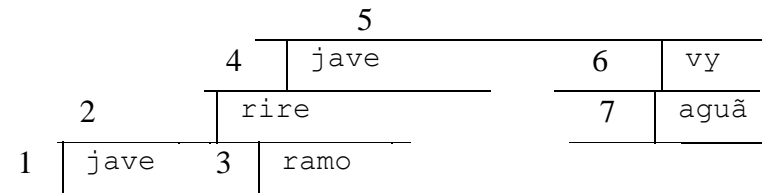
'Depois disso, quando todos os pretos vieram recebê-(lo) eles (lhe) perguntaram.'

- (38) ¹Kunhatãĩ iporã va'e ou vy ma ²- Mba'e xa ta xengana? e'i nguũ pe ramo ³-Peva'e, e'i ⁴pyxãĩ re oma'ẽ vy ramo ⁵kunhatãĩ ou vy ⁶oikuavã pyxãĩ ramo ⁷tyke'y kuery ivai guvyvy pe.



'Quando a moça bonita chegou, ela disse ao pai dela, 'Qual deles vai me conquistar?', e depois ele disse, 'Aquele', olhando para Retrupé, por isso a moça chegou e abraçou Retrupé, e então os irmãos maiores dele se zangaram com o irmão menor deles.'

- (39) ¹A'e oo jave ²tyke'y kuery oexa ³guyvy ojekuaa ramo rire
je ⁴kuaray mbyte rai'i jave ⁵oo tape py ⁶oraõ vy tape py
⁷kunha va'e ogueroayvu aguã.



'Enquanto ele ia depois que os irmãos mais velhos dele viram quando o irmão mais moço deles apareceu, quando era já quase meio-dia, eles foram esperar na trilha, para puxarem conversa com a mulher.'

As observações (i) e (iii) estão em oposição se se considera a ordem linear das orações. A observação (i) sugere que, em (36) por exemplo, as orações 1 e 3 sejam contíguas, já que 1 depende de 3. Mas (iii) sugere a necessidade de 1 e 2 serem contíguas. Tal dificuldade se resolve da seguinte forma: a oração 2, sendo regressivamente dependente da oração 1, não ocorre após a conjunção subordinativa de 1, e sim, imediatamente antes dela. Assim, certas partes da oração 1 são contíguas às orações 2 e 3 respectivamente, embora estas duas sejam posteriores à oração 1.

Tal arranjo significa que as conjunções subordinativas podem ocorrer em justaposição. A primeira conjunção pertence à oração regressivamente dependente, a segunda à oração progressivamente dependente, à qual é subordinada a oração anterior. Em nenhum caso, porém, ocorrem justapostas duas conjunções subordinativas idênticas. Como em (37), quando seria de esperar a seqüência vy vy, omite-se uma destas conjunções, presumivelmente por causa de alguma regra de omissão obrigatória que se aplica depois da ordenação linear das orações.¹²

Os quatro exemplos acima citados servem também para ilustrar a segunda observação desta seção.

(iv) Se uma oração é regressivamente dependente, nenhuma outra oração pode ser subordinada a ela, exceção possível se estivesse em posição final de período. A exceção é ilustrada em (39), bem como no exemplo a seguir. É de uso pouco freqüente, encontrando-se nos textos narrados por uma só pessoa.

- (40) A'e rire je ¹ogueraa rupi pyxãi ajaka gui opu'ã jepi
²oma'ẽ aguã ³marã katy pa ogueraa oikuaaxe vy.



'Depois disso, ali por onde o levavam, Retrupé se erguia repetidas vezes na cesta para espiar, querendo saber aonde o estavam levando.'

É possível que tais orações dependentes duplamente regressivas sejam consideradas como sendo exemplos de redeclaração, caso em que fariam parte da discussão apresentada na Seção 2.2.6.

As observações (i) e (iv), embora sem a exceção mencionada em (iv), estão incorporadas na seguinte fórmula recursiva.

$$(41) \quad \text{Núcleo de período} = \frac{\text{Oração}}{\frac{(\text{Núcleo de período} \mid \text{CS}) \mid (\text{Oração} \mid \text{CS})}$$

Como na fórmula (4), CS significa 'conjunção subordinativa', sendo que os parênteses indicam a opção gramatical. A fórmula (41) pode ser expandida até a seguinte forma não-recursiva.

$$(41') \quad \text{Núcleo de período} = \frac{\text{Oração}}{\frac{(\text{Oração} \mid \text{CS}) \mid (\text{Oração} \mid \text{CS})}{\frac{(\text{Oração} \mid \text{CS}) \mid (\text{Oração} \mid \text{CS})}{\cdot \quad \cdot \quad \cdot}} \mid (\text{Oração} \mid \text{CS}) \mid (\text{Oração} \mid \text{CS})$$

A fórmula recursiva (41) possibilita a seguinte interpretação: uma vez que o falante chega ao fim de um núcleo de período, a gramática lhe permite finalizar o período naquele ponto ou ampliá-lo, tornando o presente núcleo de período progressivamente dependente de uma oração posterior, acrescentando-se ainda a possibilidade de uma outra oração de tipo regressivamente dependente. (Não consideraremos por enquanto as possibilidades de redeclaração, séries e coordenação.) Assim, embora seja gramaticalmente possível o acréscimo infinito, nos períodos que possuem múltiplas orações o enfoque informacional tende ficar menos inteligível. Esse fenômeno será analisado na Seção 3 deste estudo. Um escritor principiante, por exemplo, aproveitando consideravelmente as possibilidades recursivas que a gramática oferece, produziu os exemplos (38) e (39), além de outros ainda mais complexos. Nas suas composições posteriores, porém, conscientizou-se mais da sua responsabilidade de informar o leitor sobre o significado informacional dos fatos narrados. Na maioria dos textos narrativos, não é comum um período com de mais de quatro orações; o período médio contém de uma a duas orações.

2.2.6. Redeclaração e série.

Até este ponto do nosso estudo, só se tem considerado uma maneira de relacionar as orações dentro de um núcleo de período. Por isso, a dependência se manifesta como a mais comum das tendências. Nesta seção se analisam duas alternativas relativamente raras — redeclaração e série. Na seção seguinte é enfocada mais uma alternativa, a coordenação.

Quando uma oração dependente redeclara a oração anterior, ambas são dependentes da mesma oração.

(42) Xee ikatu re ramo ma aiko ramo ma onhendu 'rã uru.

'Quando eu nascer, quando estiver vivo, o galo vai cantar.'

Em (42), ambas as ocorrências do ramo 'sujeito diferente' servem para comparar o sujeito da oração dependente a que pertencem como sujeito da oração 'o galo vai cantar'. A entonação é

igual para ambas as orações dependentes, como é típico para qualquer dupla de itens em aposição.

Outrossim, sendo até mais comum, pode haver duas orações independentes no mesmo núcleo de períodos, sendo a segunda a redeclaração da primeira.

(43) A'e vy je rei rajy yvate oĩ va'e oexa vy aipo e'i ojapukai
oxy pe.

'E assim, quando a filha do Rei que estava lá em cima (o) viu, ela falou assim, ela gritou à sua mãe.'

Semelhantemente, as orações independentes podem ocorrer dentro de um só núcleo de período em ordem seriada.

(44) Oronhotỹ oroka'api oromba'eapo mba'emo'i oroguereko aguã.

'Plantamos, capinamos, trabalhamos para ter alguma coisinha.'

Excetuando a entonação, as orações independentes em ordem seriada ou redeclaração, bem poderiam ser consideradas em núcleos de período separados, ou mesmo em períodos separados. A entonação, porém, indica haver uma estreita ligação entre tais orações. Nos níveis inferiores da língua, também, itens em aposição (dos quais a redeclaração é uma variante) ou séries manifestam a mesma entonação, ocorrendo no final tom ascendente; isto vigora exceto no caso de último item da série, que pode ter entonação diferente.

2.2.7. Coordenação.

Mais uma maneira de relacionar orações dentro de um período, até mais comum que a redeclaração ou série embora menos comum que a dependência, é a coordenação. São realmente os núcleos de período, em vez das orações, que constituem tal construção coordenativa. O resultado é um núcleo de período composto.

(45) Ijate'ỹ gui ndojapoi oikuaa teĩ ae ma.

'Por preguiça ele não fabrica (um arco), mesmo que ele saiba fazê-lo.'

Tal coordenação de núcleos de período difere de três maneiras das orações independentes relacionadas pela redeclaração ou em série. Em primeiro lugar, no caso da coordenação de núcleos de período, há sempre uma conjunção coordenativa, das quais uma será examinada logo a seguir. Em segundo lugar, os núcleos de período coordenados costumam manifestar entonação diversa. E, em terceiro lugar, devido à existência de orações dependentes, a coordenação de núcleos de período não causa obrigatoriamente a justaposição de orações independentes, como se vê sempre que tais orações independentes são relacionadas pela redeclaração ou em série.

(46) Eta va'e kuery oupa ovaexĩ vy foguete guive opoi okuapy
oguerovy'a vy.

'Muitas pessoas ireram recebê-(10), e soltaram foguetes também porque estavam contentes com ele.'

O exemplo (46) coordena dois núcleos de período, cada um dos quais consistindo numa oração independente seguida de uma oração (com conjunção subordinativa vy) regressivamente dependente dela.

Nos dados até agora colhidos, o segundo núcleo de período de uma dupla coordenada carece de orações progressivamente dependentes, sendo portanto a oração independente inicial no núcleo de período.

Existem poucas conjunções coordenativas. As três aqui analisadas são encontradas comumente. A primeira destas três, teĩ (ou teĩ ae ma como modificada no exemplo (45)), segue após um núcleo de período que se considera concessivo ao outro núcleo de período na dupla coordenada. O núcleo de período concessivo pode ser o segundo (como no exemplo (45)) ou o primeiro (como no exemplo (47)) da construção.

(47) E'i teĩ ndaikuaa porãi.

'Mesmo que ele o tenha dito, eu não tenho certeza.'

A conjunção coordenativa guive é aditiva e pode traduzir-se 'também'. Sempre que é usada, os sujeitos das duas orações independentes são correferenciais, ou as predicções são essencialmente iguais, como em (48).

(48) Nhandejara ojopy ita'i São José guive ojopy ita'i.

'Nosso Senhor apanhou uma pedrinha, São José também apanhou uma pedrinha.'

guive ocorre dentro do segundo dos dois núcleos coordenados de período, geralmente após o primeiro constituinte da oração independente, como em (46) e (48).

A conjunção coordenativa va'e ri ocorre entre os dois núcleos de períodos que estão sendo coordenados, indicando haver certa relação adversativa entre os membros.

(49) Ndaxeayvu kuaai a'e nunga py va'e ri xeayvu 'rã.

'Não sei falar daquela classe de coisas, mas vou falar.'

Estas três conjunções coordenativas podem aparecer em certas combinações, umas com as outras (va'e ri teĩ, por exemplo), e com certas modificações (va'e ri ae, va'ekue ri). Tais possibilidades são aqui somente mencionadas.

Às vezes se omite o segundo núcleo de período de uma dupla coordenada, ou pelo menos é omitida a predicção deste.

(50) Nda'evei teĩ ae ma.

'Embora não preste, (não se pode remediar).'

(51) Jagua avei ojevvy ka'i guive.
'O cachorro também voltou, o macaco também.'¹³

(52) Ndaaxe'ÿi va'e ri ta'vy.
'Não é que eu não queira ir, mas (não posso).'

Nenhum outro tipo de omissão de predicação se nota na língua guarani. Omitindo-se uma predicação, a mesma sempre pode ser suprida de uma oração coordenada do mesmo período.

Uma vez transformado um núcleo de período em núcleo composto através da coordenação, não pode ser subordinado a uma oração posterior; isto é, os núcleos de período na fórmula (41) não podem ser compostos, segundo os dados já colhidos. Tal construção apresentaria sem dúvida certas dificuldades de referência subjetiva devido às conjunções subordinativas.

2.3. A periferia do período.

Um período possui, além de um núcleo (possivelmente composto), uma periferia integrada por dois elementos facultativos: uma conjunção inicial no período, e um vocativo.

2.3.1. Conjunções iniciais de período.

Estas conjunções desempenham pelo menos uma das duas funções seguintes: ou relacionam o período logicamente (i.e., de forma temporal ou causal) ao contexto anterior, ou indicam o início de algum agrupamento hierárquico de períodos. Muitas vezes uma conjunção inicial de período tem ambos os papéis; aquelas que denotam relações temporais, por exemplo, aparecem tipicamente em posição inicial de parágrafo, ao passo que aquelas que indicam relações causais tendem a ocorrer em posição medial de parágrafo, pelo menos nos textos narrativos.

As conjunções iniciais de período ocorrendo em narrativas se apresentam de uma só forma padrão. Consistem no pronome anafórico geral a'e, seguido de uma conjunção subordinativa (ou gui 'de' posposicional), com presença facultativa de rami 'semelhante a, conforme' entre os dois elementos obrigatórios.¹⁴ Estas construções são analisadas em Dooley, 1976b.

Encontra-se semelhante conjunção inicial de período, a'e nunga rupi 'por causa de coisas daquela ordem', em textos hortativos e expositivos:

(53) A'e nunga rupi aÿ gui ma ndee voi erema'ẽ rive 'rã.

'Por causa de coisas daquela ordem, de agora em diante você também não faça mais que olhar (sem roubar os bens dos outros).'

Estas conjunções iniciais que começam com a'e ilustram a tendência de elementos de referência anafórica ocorrerem em posição inicial de período. Tal tendência se estende outrossim aos componentes oracionais, bem como aos constituintes de período sob análise nesta seção. Por

exemplo, os componentes oracionais que denotam maneira de agir a'e rami 'assim' e a'e nunga py 'daquela maneira' costumam ocorrer em posição inicial de oração.

A mais comum das conjunções iniciais de feição não-narrativa é aỹ ma 'agora completo' que indica mudança de assunto discursivo.

(54) Aỹ ma peoxe va'e peo 'rã pemba'eapo vy.

'Pois então, vocês que quiserem, vão trabalhar.' (Neste período, o falante, aconselhando um grupo, inicia um novo tópico, cortando a palavra a outro falante que dissertava sobre assunto diverso.)

Como a expressão pois então em português, aỹ ma na língua guarani indica início de uma seção discursiva de certa importância.

Outra conjunção inicial de período é neĩ. Esta palavra se emprega freqüentemente para dar licença a alguém para fazer determinada ação.

(55) Neĩ tereo.

'Bem, você pode ir.'

Seu significado é ainda mais lato. Utiliza-se também no final de textos falados, onde se indica transição de monólogo a conversação.

(56) Neĩ namombe'u kuaavei ma.

'Bem, não sei contar mais.'

neĩ se emprega por vezes dentro de uma narrativa, no momento de resolução de alguma interação do enredo.

(57) Neĩ ndoikuaa potai oo teve.

'Bem, ele não investigou, foi embora.'

Aliás, todas as quatro expressões – neĩ a'e vy, neĩ a'e rã, neĩ katu e nei ke – outorgam certo tipo de licença. Levando em conta todos os usos, parece que neĩ manifesta resolução de algum tipo de interação inter-pessoal. Nos contextos em que se pede licença para algum ato, o sinal de resolução se subentende como significando autorização. Em (55) manifesta, outrossim, o termino da interação.

2.3.2. Vocativos.

Segundo a fórmula (1), os vocativos ocorrem em posição final de período. Mas isto é uma simplificação, uma concessão à ordenação linear da fórmula. É verdade que é esta a posição mais típica dos vocativos, especialmente em enunciados breves.

(58) Ne ranhe ke jaa compadre.

'Você primeiro, vamos, compadre.'

Seria mais exato afirmar que um elemento vocativo segue tipicamente alguma oração ou componente do período ao qual pertence.

(59) Jaa ri ke compadre ne ranhe.

'Vamos, compadre, você primeiro.'

O vocativo ocorre só raras vezes em posição inicial de período, isto é, somente quando o falante precisa conseguir a atenção do ouvinte.

(60) Compadre jaa ju ke jakaxa vy.

'Compadre, vamos caçar.'

Quando isto acontece, na realidade é para conseguir a atenção da pessoa. Assim poderia ser considerado como sendo um componente de uma estrutura maior que o período.

Como se pode deduzir, tomando-se como base os três exemplos acima citados, os vocativos são mais comuns em períodos permissivos ou imperativos. Isto reflete simplesmente o fato não-gramatical de que os vocativos desempenham função puramente inter-pessoal (em contraste, digamos, com funções de conceito ou conteúdo, como em Halliday 1970, pág. 143), encontrando-se portanto mais freqüentemente em períodos em que se salienta tal função inter-pessoal; dentre os quais figuram construções hortativas e interrogativas.

(61) Mamo compadre ereo?

'Aonde, compadre, você vai?'

Abrange também períodos declarativos com elementos da segunda pessoa.

(62) Xema'endu'a ete jevy ndere dona Edna.

'Estou lembrado novamente de você, Dona Edna.'

2.4. Períodos gramaticais e fonológicos.

Os critérios fonológicos desempenham papel importante na segmentação em períodos de um texto. Na grande maioria dos casos, o final de um período (como descrito nas seções anteriores deste estudo) coincide com um tipo de término fonológico que assinala o fim de um dos possíveis contornos entonacionais do período.¹⁵ Tal término junto com uma possível pausa, faz com que a segmentação em períodos se torne não-ambígua.

(63) Oo omombe'u.

'Ele foi, ele contou.'

Havendo término fonológico após a primeira oração, cada oração constitui um período separado. 'Ele foi. Ele contou.' Se o único término fonológico vem após a segunda oração, o enunciado inteiro constitui um período 'Ele foi contar', sendo a segunda oração aquela do motivo com conjunção omitida (v. nota 10). Os critérios fonológicos se empregam semelhantemente para identificar orações de redeclaração e série, como analisadas em 2.2.6.

Assim, quando as fronteiras de período são gramaticalmente ambíguas, os critérios fonológicos proporcionam diretrizes seguras para que não haja ambigüidade. Há outros casos, porém, em que os critérios gramaticais, embora não ambíguas, estão em conflito com os critérios fonológicos.

Isto se relaciona com a formação recursiva de núcleos de período, analisada em 2.2.5. Como já se explicou naquela seção, uma vez que um núcleo de período completo foi proferido, a gramática oferece ao falante a seguinte opção: ou terminar o período naquela altura, ou ampliá-la, tornando o núcleo de período já enunciado dependente da oração seguinte através de uma conjunção subordinativa. Tal opção faz parte da gramática, embora nem sempre realizada mediante processo psicológico.

Às vezes, porém, é difícil saber quais destas duas alternativas um falante escolhe. Isto acontece quando um núcleo de período termina com a entonação que assinala normalmente término do período, sem haver incluído nenhuma conjunção subordinativa; o falante, neste caso, parece haver optado em favor da primeira alternativa acima, a de terminar o período. Mas se o enunciado imediato começa com conjunção subordinativa, indica-se continuação gramatical do período apesar do término fonológico. Tal é o caso do exemplo seguinte, em que o ponto final escrito indica término fonológico, ao passo que as duas glosas refletem respectivamente as duas alternativas do falante.

(64) Compadre Galdino ma aexa Roberto ro py. ramo ma gua'y'i
omombe'u.

'Eu vi compadre Galdino em casa do Roberto. Então ele me contou acerca do
filhinho dele.'

'Quando eu vi compadre Galdino em casa do Roberto, ele me contou acerca do
filhinho dele.'

Coisa semelhante pode acontecer também no caso de conjunções coordenativas.

(65) Mboapy'i orekuery guarani kuery ete'i va'e orekuai. va'e ri
orokaru porã ta.

'Nós Guarani somos muito poucos. Mas vamos comer bem.'

'Nós Guarani somos muito poucos, mas vamos comer bem.'

Se tais enunciados fossem analisados como sendo integrados por dois períodos gramaticais, as conjunções ramo e va'e ri (e outras) deveriam ser consideradas como iniciais nos períodos, bem como conjunções internas de período. Parece mais lógico reconhecer apenas um período gramatical, mas dois períodos fonológicos. O mecanismo de tal falta de congruência se explica em termos da fórmula recursiva (41) (e outra semelhante que iria vigorar no caso de

coordenação de núcleos de período). Nos exemplos (64) e (65), o falante se vale, por assim dizer, sucessivamente de ambas as alternativas proporcionadas pela gramática, primeiramente, a de terminar o período (tal opção realizada fonologicamente), e depois, de ampliá-la (realizada pela inserção de conjunção). Em certos casos isto pode refletir uma verdadeira mudança de opinião da parte do falante. Em outros casos, porém, a tática pode ser deliberada, talvez para aproveitar simultaneamente dois elementos: o enfoque informacional conforme aquilo que se apresenta como oração principal do período (v. Seção 3) e a estreita ligação lógica que se pode expressar entre duas orações do mesmo período.

Deve notar-se outrossim que pode existir um período fonológico composto de dois períodos gramaticais.

(66) Tereo. Ejo xeea py.

'Vá. Volte (novamente) aonde eu estou.'

Tal ocorre porque o término fonológico é apenas potencial, não sendo realizado em certos contextos como o de fala rápida e desleixada.

2.5. Tipos de período.

Como já se mencionou na Introdução, o presente estudo não visa uma taxonomia completa de períodos. A esta altura, porém, são feitas algumas observações que talvez pudessem ser relevantes a tal taxonomia.

Embora se possa falar em termos de orações imperativas, permissivas e interrogativas, tais orações ocorrem apenas como independentes,¹⁶ e não dependentes, dentro dos períodos. Isto é, o modo gramatical é escolhido para o período como um todo. Embora possa ser manifesto por determinados traços da estrutura oracional da oração independente, é escolhido no nível do período.

Tal escolha repercute realmente fora da oração independente. Há, por exemplo, a tendência dos períodos não-declarativos de possuírem poucas orações dependentes, ou até nenhuma, embora seja admitida aparentemente uma oração deste tipo.

(67) Ndeayvu tema ndeayvu 'rã oĩ ri ramo.

'Fale, se tiver alguma coisa para dizer.'

(68) Xee aa rã ke ndee tereo.

'Quando eu for, você vá.'

(69) Mba'e xa pa erejapo avaẽ ramo?

'O que você estava fazendo quando eu cheguei?'

As conjunções iniciais de período também são menos numerosas em períodos não-declarativos. Encontram-se com períodos imperativos e permissivos,

(70) Aÿ ma a'ekue rami ndereikovei ma 'rã.

'Pois então, não seja mais assim.'

(71) A'e rami vy ndee tereo.

'Por isso, você pode ir.'

mas não se comprova ainda nenhuma ocorrência com períodos interrogativos.

Se as principais divisões de tipos de períodos se baseiam no modo gramatical ou pelo menos nos correlativos gramaticais dos diversos tipos de fala (como sugere Frantz, 1975), então devem reconhecer-se certos subtipos. Um destes subtipos de período declarativo consistiria nos períodos com condição passada contrafactual. A protase contrafactual leva conjunção va'e rire 'depois disso', e a apódose contrafactual va'erãgue 'que havia de ser'.

(72) A'e ete tupã ra'y va'e rire ma ikatu re oiko e'ÿ teĩ aexa
ju ma va'erãgue.

'Se ele fosse realmente filho de Tupã, mesmo se ele não tivesse nascido ainda, eu
(poderia) ver de novo.'

Neste exemplo, a apódose não consiste numa única oração, senão num núcleo de período composto.

Embora aqui não seja feita uma taxonomia completa de períodos, apresenta-se através dos exemplos contidos no presente estudo uma variedade de construções na mesma proporção de frequência com que estas ocorrem nos textos narrativos da língua guarani.

3. O PERÍODO COMO VEÍCULO DE INFORMAÇÃO.

Na Seção 2. do presente estudo, analisamos os períodos guarani sob ponto de vista da sua estrutura gramatical. Lá examinamos certos aspectos da função de diversos componentes do período (como por exemplo, as conjunções iniciais do período em 2.3.1. e o caráter progressivo ou regressivo de orações dependentes em 2.2.4.). Em geral, porém, sem levarmos em conta o contexto completo de um período, não pudemos ir além de uma descrição de constituintes sintáticos. Tal descrição é como o plano e tabela de peças para um projeto. Apresenta os elementos disponíveis... Tal plano, porém, difere de maneira significativa de uma descrição do funcionamento da máquina fabricada quando esta está ligada e em plena função...' (Grimes, 1969, pág. 173).

Nesta Seção 3., visamos dar uma descrição de períodos 'ligados e em plena função'. Tal descrição é possível somente quando os períodos são considerados como parte de um contexto maior, como por exemplo um discurso narrativo.¹⁷ Nesta seção examinamos a maneira em que os componentes gramaticais de um período são empregados para indicar e manifestar os diversos tipos de informação encontrados num discurso narrativo. Vemos, especificamente, que cada oração tem, como função primária, a comunicação de determinado tipo de informação. Tal função, proeminente entre outros fatores, determina como a oração se realiza gramaticalmente como parte do período.

Para fazer uma rápida revisão da estrutura gramatical de um período, repetem-se a seguir as fórmulas (1) e (41) da Seção 2. deste estudo.

(1) Período = (Conjunção inicial) Núcleoⁿ (Vocativo)

(41) Núcleo de período = (Núcleo de período CS) Oração (Oração CS)

(41) mostra subordinação de núcleos de período, ao passo que (1) mostra coordenação (isto é, quando o valor de *n* é maior que 1). De fato, a Seção 3. deste estudo não aborda o assunto de coordenação pois esta não se relaciona sistematicamente aos padrões de informação narrativos. Sempre que vigora uma relação adversativa entre núcleos de período adjacentes, pode prever-se o uso de um conjunção coordenativa adversativa; o mesmo fato se nota nas outras relações indicadas por coordenação (v. 2.2.7.). A coordenação é muito mais infreqüente na narrativa que em outros tipos discursivos.

Uma vez que não se examina a coordenação de núcleos de período nas páginas subseqüentes, portanto, cada período a seguir contém apenas um núcleo de período não-encaixado, sendo o valor de *n* em (1) unicamente 1 em todos estes períodos. Outrossim, a oração independente deste núcleo de período não-encaixado será referida como a oração independente do período inteiro.

Os dados sobre os quais se baseia esta seção são tirados principalmente do livrinho de dez contos breves, Xee kyrĩ javeguare 'Quando eu era criança', de Verci Flores Moreira.¹⁸

3.1. Padrão informacional fundamental na narrativa.

Na narrativa guarani, a estrutura de períodos revela uma divisão de informação em dois tipos fundamentais, aqui designados de evento e não-evento. Encontra-se a mesma divisão essencial em muitos outros idiomas.¹⁹ Embora a informação de tipo evento e não-evento possa ser manifesta em diversos níveis gramaticais, basta (conforme os parâmetros do presente estudo) analisar aqui somente os trechos maiores de informação, especificamente as orações inteiras. Por isso, falaremos de orações 'evento' e orações 'não-evento'.

A diferença essencial entre estes dois tipos de oração pode ser colocada em termos funcionais: se uma oração tem como função básica dentro da narrativa o relatar de algum acontecimento, trata-se de uma oração tipo evento; se a sua função básica é outra, porém, trata-se de uma oração tipo não-evento. Tal definição, e outras expostas a seguir em forma esquemática, serão explicadas e ilustradas em seções subseqüentes deste trabalho.

Os não-eventos se subdividem, por sua vez, em dois tipos: restrito e extenso. Estabelece-se tal distinção segundo critérios funcionais: os não-eventos restritos têm como função o preparo das condições ou ambiente para determinado evento (ou não-evento), ou seja, as condições que tornam razoável ou bem-fundamentada a narração daquele evento (ou não-evento). Os não-eventos extensos têm outra função, relacionando-se tipicamente a um trecho mais extenso da narrativa.²⁰ Os dois tipos são explicados mais amplamente em 3.3.1.

Tais divisões funcionais de informação narrativa se refletem na estrutura gramatical dos períodos mediante duas distinções sintáticas, uma delas entre orações dependentes e independentes, e a outra entre presença a ausência num período de qualquer vínculo. O vínculo é

um tipo específico de construção anafórica subordinada que ocorre em posição inicial de período; será analisado em 3.2.2.

Com estas noções acima introduzidas, o padrão fundamental de distribuição de informação em narrativas guarani pode ser exposto de forma bem sucinta. Sem entrar em detalhes por enquanto sobre certas divergências existentes, este padrão é descrito da seguinte forma:

Um evento é realizado como oração independente de um período como vínculo.

Um não-evento extenso é realizado como oração independente de um período sem vínculo.

Um não-evento restrito é realizado como oração dependente.

Este padrão fundamental aparece em forma diagramática a seguir:

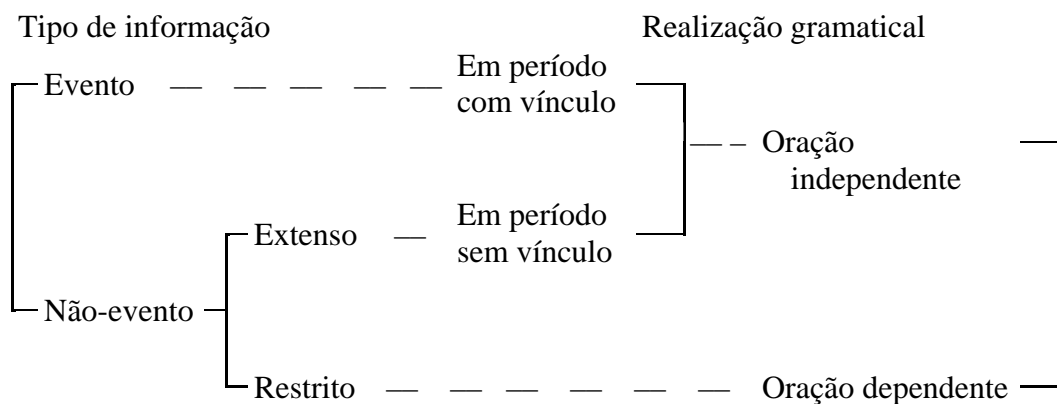


Figura 2.

A dupla correspondência básica mostrada pela Figura 2, entre eventos e períodos com vínculo e entre não-eventos restritos e orações dependentes, constitui os assuntos das Seções 3.2. e 3.3. As Seções 3.4. e 3.5. são realmente pequenos apêndices, tratando respectivamente de redeclaração e causalidade.

3.2. Eventos e períodos vinculados.

Nesta seção se explora a correspondência entre eventos e períodos com vínculo, apresentando-se primeiramente os eventos como categoria funcional.

3.2.1. Eventos e não-eventos.

Se uma oração tem como função narrativa básica o relato de algum acontecimento, constitui uma oração tipo evento, ou, em poucas palavras, um evento. Se a oração tem função fundamental diversa, constitui uma oração tipo não-evento, ou, como a chamaremos, um não-evento. Os não-eventos são analisados detalhadamente em 3.3.1. As variedades mais comuns são: montagem temporal, motivo ou propósito, realização, descrição de participante, explicação, resumo, seqüela, circunstância, e diversos tipos de redeclaração.

A distinção entre eventos e não-eventos é funcional, baseada no contexto narrativo em vez da análise léxica ou gramatical. Há, contudo, uma classificação léxico-gramatical dupla que se assemelha à classificação funcional. Tal classificação léxico-gramatical, que independe do contexto narrativo, resulta em orações de ação e estado.²¹ As orações de ação costumam ser eventos, e as orações de estado, não-eventos. Mas esta correspondência é apenas aproximada e pode enganar, pois existem orações de estado, por exemplo, que constituem eventos. Especificamente, uma oração cujo verbo vem acompanhado por um elemento de negação, pode ser considerada geralmente como oração de estado,²² como na parte sublinhada do exemplo a seguir.

(73) A'e vy ma peteĩ tape pia py avaẽ. A'e vy ma ndaikuaavei
orojuague.

'E assim cheguei na encruzilhada. E assim eu não sabia mais de onde tínhamos vindo.'

Em termos de função, porém, a oração final em (73) constitui evento. Sua função é de contar um acontecimento, a tomada de consciência de parte do narrador de que ele anda realmente perdido. Exemplo semelhante é o seguinte.

(74) A'e vy tu aipo a'i xevy: -Mba'e tu eremokanhy? e'i. A'e rã
tu xee ndaxeayvu kuaavei, ajae'o vaipa reve vy.

'E assim, ele me falou assim: -O que você perdeu? Ele perguntou. E assim, eu nem sabia falar mais, pois estava chorando tanto naquele momento.'

Dá-se também o caso de que uma oração ativa no sentido léxico-gramatical funciona como não-evento na narrativa. Os exemplos mais óbvios tratam de redeclaração.

(75) Ajevy vy xero py avaẽ rai'i. Aa vy a'e py ma a'a. A'a vy
xejyva ambota juu re.

'Enquanto eu voltava, já quase tinha chegado em minha casa. Enquanto eu ia, lá cá. Ao cair, bati com o braço num espinho.'

Em (75) cada uma das orações de redeclaração sublinhadas funciona como não-evento, mesmo que seja uma oração ativa. Tais orações aparecem na narrativa, não para relatar o que aconteceu (já que em cada caso isto se faz na oração anterior) senão para estabelecer as condições que fazem com que o evento subseqüentemente narrado pareça razoável.

Os casos de redeclaração funcionam sempre como não-eventos, mas existe um tipo de oração semelhante, do qual é difícil predizer se funcionará como evento ou não-evento. As orações de que falo são aqui chamadas de realização. Realização constitui o relato do acontecimento de alguma coisa já prefigurada num trecho anterior da narrativa (Dooley, 1976b, pág. 38ss). Pode dar-se a prefiguração de diversas maneiras, das quais a mais comum é por meio de uma oração de propósito.

- (76) Oipe'a imbotya oexa aguã caixa rypy oĩ va'e. A'e vy je a'e py oma'ẽ rã je yy ramigua oĩ a'e py.

'Ele levantou a tampa para ver o que havia dentro da caixa (prefiguração, oração de propósito). E assim, quando ele olhou (realização), havia ali algo parecido com água.'

Outra técnica de prefiguração é o uso de verbos de movimento. Uma oração do tipo ir ou vir muitas vezes constitui prefiguração, cuja realização é a oração em que se chega ao lugar esperado.

- (77) A'e gui nda ou. Orea py ovaẽ vy nda opyta ranhe orea py.

'Depois disso ele veio (prefiguração, movimento). Quando ele chegou aonde nós estávamos (realização), parou por um tempo onde estávamos.'

- (78) A'e gui ma aa ma capoeira re. Aike'i vyve aexa peteĩ guyra'i.

'Depois disso fui até a capoeira (prefiguração, movimento). Ao entrar lá (realização), vi um pássaro.'

Certas orações são consideradas como sendo de realização pelo fato de que, conforme os padrões e conceitos fundamentais da cultura guarani, uma ação leva implícita uma outra.²³ Assim, o ouvir um barulho estranho ou ver inesperadamente certos animais, implica normalmente em ficar assustado.

- (79) A'e vy apyta a'amy jave onhendu vaikue rei va'e onhendu. A'e va'e gui anhemondyi anha anha aavy.

'E assim, quando eu estava parado, ouviu-se um barulho medonho (prefiguração, denota expectativa cultural). Por ficar espantado por causa dele (realização), eu fugi.'

Em breve será apresentado mais um meio de prefigurar a realização de ações na língua guarani.

Realizações são importantes no presente estudo porque esta classe de expressão está na zona intermediária entre evento e não-evento. Sendo que sempre são orações ativas no sentido léxico-gramatical, funcionariam consistentemente como eventos, se a ação que relatam à luz do contexto anterior não fosse altamente predizível. Às vezes se realizam sintaticamente como se fossem não-eventos, como em todos os exemplos acima mencionados (76) - (79), em que são realizadas como orações dependentes. Em outros casos, exemplos de realização são tratados como eventos e manifestos como orações independentes em períodos com vínculo. Por exemplo, os elementos de realização nos três exemplos seguintes contêm o mesmo tipo de prefiguração empregado nos exemplos já analisados, mas são tratados como eventos.

- (80) A'e gui ma peteĩgue aa jevy ma ita ra'y amono'õ vy. A'e gui araa avei peteĩ voko tuvixa va'e ita ra'y ryrurã. A'e gui ha'e va'e voko amonyẽ katũii ita ra'y.

'Depois disso, fui mais uma vez colher pedrinhas (prefiguração, oração de propósito). Depois disso, levei um saco grande em que iria depositar as pedras. Depois disso, enchi aquele saco cheio de pedrinhas (realização).'

- (81) Aa nhuã re ama'ẽ vy. Mombyry ma aa aikovy ka'aguy re. A'e vy avaẽ rai'i ma nhuã my.

'Fui (prefiguração, movimento) olhar as armadilhas. Caminhei uma boa distância mato adentro (adicional redeclaração de detalhes). E assim, quase que cheguei até as armadilhas (realização).'

- (82) A'e jave py tenonde oo tape rupi vy opyrõ rai jai ra'y re, imbaraka va'e re. Onhemondyi vaipa.

'Naquele tempo, enquanto ele caminhava pela trilha, quase que pisou num cascavel (prefiguração, com expectativa cultural). Ele levou um grande susto (realização).'

Há porém, certos tipos de prefiguração cuja realização se trata consistentemente como evento. Tal acontece, por exemplo, quando a prefiguração constitui citação direta que comunica uma ordem, convite ou declaração de intento.

- (83) A'e ramo ma mamãe aipo e'i: -Eru ave a'vy, taexa, e'i. A'e rã tu ame'ẽ.

'E assim, Mamãe falou assim: -Traga para cá, pois, deixe-me ver (prefiguração, ordem), ela disse. Por isso eu o dei a ela (realização).'

No caso de realização, é de extrema importância notar a esta altura que o narrador pode muitas vezes escolher a função, se evento ou não-evento, da realização que ele vai empregar. Certos tipos de realização, porém, parecem deixar ao narrador menos liberdade na sua escolha.

Com referência a cada oração de uma narrativa o narrador emprega elementos gramaticais do período (entre outros recursos a serem analisados posteriormente) para indicar a respectiva categoria de evento (isto é se funciona como evento ou não-evento). Deixando de lado certas exceções, a serem examinadas posteriormente, um evento é realizado como oração independente num período com vínculo, e um não-evento como oração dependente ou independente num período sem vínculo como se vê na Figura 2. Desta maneira, período de evento é aquele cuja oração independente é de tipo evento, e período não-evento aquele cuja oração independente é de tipo não-evento. Tais definições serão muito úteis na discussão a seguir.

3.2.2. Vínculos.

Muitas vezes o primeiro elemento num período guarani não é a oração independente, mas sim uma conjunção inicial de período (v. fórmula (1)) ou uma oração progressivamente

dependente (v. fórmula (41)). Quando o elemento inicial é uma oração progressivamente dependente, esta, muitas vezes, é a redeclaração de alguma oração tipo evento, encontrada no contexto imediatamente anterior. Certos elementos iniciais de período chamam-se vínculos: são as conjunções iniciais de período que ocorrem nas narrativas, e as orações progressivamente dependentes que também constituem casos de redeclaração.

Dão-se a seguir dois exemplos de período com vínculo, cada um dos quais aparece com o período que o precede imediatamente no texto. O vínculo sublinhado do primeiro exemplo é uma conjunção inicial de período.

(84) Momyry ma aa aikovy ka'aguy re. A'e vy avaê rai'i ma nhuã my.

'Caminhei uma boa distância mato adentro. E assim, quase que cheguei até as armadilhas.'

O vínculo sublinhado do segundo exemplo é uma oração progressivamente dependente e do tipo redeclaração.

(85) A'e gui tu aexa ra'u ajupy. Aexa ra'u rã tu mamãe xereja merami oovy.

'Depois disso eu sonhei deitado. Enquanto eu sonhava, parecia que Mamãe ia embora, me deixando.'

Via de regra, um período contém no máximo um vínculo. Mas encontra-se vez por outra um período com dois vínculos, sendo estes uma conjunção inicial de período seguida de uma oração progressivamente dependente e do tipo redeclaração.

(86) A'e vy apyta ajapyxaka água. A'e vy apyta a'amy jave onhendu vaikue rei va'e onhendu.

'E assim, eu parei para escutar. E assim, quando eu parei, ouviu-se um barulho medonho.'

Se dois vínculos co-ocorrerem desta maneira num período, a oração dependente costuma ser expansão da conjunção inicial do período (Dooley, 1976b, pág. 16ss).

As conjunções iniciais de período, que ocorrem nira narrativa, são descritas na Seção 2.3.1. Num trabalho anterior (Dooley, 1976b), em que estes elementos são analisados mais detalhadamente, emprega-se, o termo 'conetivos referenciais', em relação a eles. Consistem no pronome anafórico a'e 'aquilo' seguido de conjunção subordinativa, assemelhando-se portanto às expressões depois disso e por isso em português. As conjunções iniciais do período, especialmente as de tipo temporal, são freqüentemente empregadas para indicar início de um parágrafo ou episódio (Dooley, 1976b). Mas, a exceção deste uso no início de parágrafos (analisado mais amplamente em 3.2.3.), as conjunções iniciais de período e os vínculos em geral costumam ocorrer somente com períodos de tipo evento.

A seguinte narrativa breve é apresentada na sua totalidade para mostrar a correspondência fundamental entre eventos e vínculos, sendo todas as correspondências indicadas na Figura 2. As categorias 'evento' e 'não-evento' são indicadas respectivamente por E e NE. Sublinham-se os vínculos.

(87) ¹Yma xekyrīve jave ma aa ka'aguy re. ²Aa nhuã re ama'ẽ vy. ³Mombyry ma aa aikovy ka'aguy re. ⁴A'e vy avaẽ rai'i ma nhuã my. ⁵A'e vy apyta ajapyxaka aguã. ⁶A'e vy apyta a'amy jave onhendu vaikue rei va'e onhendu. ⁷A'e va'e gui anhemondyi vy anha anha aavy. ⁸Ajevy vy xero py avaẽ rai'i. ⁹Aa vy a'e py ma a'a. ¹⁰A'a vy xejyva ambota juu re. ¹¹A'e va'ekue juu aỹ peve oime xejyva re.

¹Faz muito tempo, quando eu era mais jovem (NE), fui até o mato (E). ²Fui (NE) ver as armadilhas (NE). ³Fui uma boa distância mato adentro (NE). ⁴E assim, quase que cheguei até as armadilhas (E). ⁵E assim, parei (E) para escutar (NE). ⁶E assim, quando eu estava parado (NE), ouviu-se um barulho medonho (E). ⁷Por ficar espantado por causa disso (NE) eu fugi (E). ⁸Enquanto eu voltava (NE), quase que cheguei na minha casa (E). ⁹Enquanto eu ia (NE), caí lá (E). ¹⁰Quando caí (NE), bati com o braço num espinho (E). ¹¹Aquele espinho fica ainda no meu braço até hoje (NE).'

Os períodos tipo não-evento são 2, 3 e 11; nenhuma delas possui vínculo. (Os períodos 2 e 3 constituem redeclaração da oração independente de 1, mas com detalhes adicionais. O período 11 é seqüela. Estes e outros tipos de não-evento são analisados em 3.3.1.) Dos oito períodos tipo evento, somente 1 e 7 carecem de vínculo. O período 1 não tem vínculo por ficar em posição inicial de narrativa (v. 3.2.3; tal período poderia ser interpretado com mais precisão como um tipo de pré-estréia, um não-evento, 3.3.1.2.). O período 7 possui um 'semi-vínculo', a'e va'e gui 'a/em/daquilo', a ser analisado em 3.2.3. Por isso, não é absoluta a correspondência entre eventos e vínculos; é porém, bastante evidente, sendo que qualquer divergência do padrão fundamental é facilmente explicável.

Não é por acaso que os períodos tipo evento ocorrem com vínculo, e sem ele os períodos tipo não-evento, e não vice-versa. Os vínculos acompanham os períodos evento, precisamente porque é próprio de uma narrativa ligar eventos que são seqüenciais num sentido de tempo ou de causa. De acordo com Schank, 'um parágrafo pode ser considerado como sendo uma série de conceitos (numa narrativa, estes são os eventos, RAD) que devem ser interligados numa cadeia causal completa...' (1974, pág. 11). Os vínculos na narrativa guarani existem, pois, principalmente para indicar eventos e ligá-los em relações causais ou temporais. Têm outrossim um uso secundário, a ser examinado logo abaixo.

3.2.3. Divergências do padrão fundamental.

Numa narrativa geralmente há alguns períodos nos quais a distinção entre eventos e não-eventos não é feita mediante presença ou ausência de vínculos. Isto não significa, contudo, que não é feita distinção entre eventos e não-eventos em tais períodos, mas denota a existência de outros fatores que se impõem sobre o método normal que indica tais distinções. As divergências

do padrão fundamental são de dois tipos: períodos tipo não-evento com vínculo, e períodos tipo evento sem o mesmo. O primeiro tipo, sendo muito menos freqüente, é analisado logo a seguir.

Os períodos não-evento com vínculo sempre estão em posição inicial de parágrafo. Isto é resultado de um uso de vínculos não relacionado a eventos específicos. Além do seu uso primário para indicar e interligar diversos eventos, os vínculos são também empregados para denotar início de parágrafos e episódios narrativos. Aproximadamente 80% dos períodos iniciais de parágrafo apresentam vínculos. A maioria de tais vínculos consta de conjunções temporais que iniciam o período. Determinados tipos de vínculo ocorrem somente no início de parágrafos (Dooley, 1976b, págs. 28-32, 41ss).

O período inicial de um parágrafo ou episódio é quase sempre de tipo evento. Por isso, pode duvidar-se do fato de se utilizarem vínculos para indicar início de parágrafo independentemente do seu uso para assinalar e interligar eventos. Citamos de passagem três tipos de evidência em favor deste segundo uso. Em primeiro lugar, determinadas conjunções iniciais de período se empregam unicamente em posição inicial de parágrafo ou episódio (pelo menos na fala de certas pessoas), como já se observou.

Em segundo lugar, determinados vínculos próprios de início de parágrafo não podem ligar eventos por não haver evento anterior a eles. Até o primeiro parágrafo de uma narrativa começa freqüentemente com algum vínculo temporal, mesmo que todo o material anterior seja introdutório e de tipo não-evento.²⁴ Nos dois exemplos a seguir, sublinham-se os vínculos deste tipo.

- (88) Yma xee kyrīve jave ma areko peteĩ guyrapa. A'e gui ma
peteĩgue oroje'oi ka'aguy re.

'Faz muito tempo, quando era mais jovem, eu tinha um arco. Depois disso, certa vez nós fomos até o mato.'

- (89) Yma xekyrī jave ma xee ndaikuaai jurua kuery ayvu. Jurua
ijayvu rã xevy aikuaa e'ỹ vy -É, a'e rive. A'e gui ma
peteĩgue aa ma escola py.

'Faz muito tempo, quando eu era criança, não conhecia a língua dos civilizados. Quando estes me falavam, por não entender eu respondia simplesmente -É. Depois disso, certa vez eu freqüentei uma escola.'

Em (88) e (89) os vínculos são semanticamente anômalos, por não haver evento anterior que dê um ponto de referência temporal para gui 'de/depois de'. Estes vínculos, portanto, não ligam eventos, mas servem simplesmente para assinalar o início do texto narrativo. O fato destes vínculos serem temporais pode ser um simples reflexo daquele outro fato já notado, de que os vínculos temporais são os que mais comumente indicam início de parágrafo ou episódio (Dooley, 1976b) Semelhantemente, as conjunções iniciais de período são usadas com freqüência para resumir os eventos de uma narrativa depois de interromper-se a seqüência por uma série de um ou mais períodos não-evento.

- (90) Aa vaikue rei aikovy. Aje'ive reve va'ekue ka'aru ma va'e ri xee aiko teri tape rupi. A'e gui ma ka'aru ete ma jave ma tape pia'i aexa.

'Eu caminhava à toa. Desde a manhã até à tardinha eu seguia pela trilha (redeclaração, com detalhes adicionais, não-evento). Depois disso, quando era muito tarde, enxerguei uma pequena encruzilhada.'

Mais uma vez, usa-se provavelmente o vínculo, não tanto para ligar determinados eventos, como para assinalar a retomada dos eventos da narrativa.

Em terceiro lugar, os vínculos aparecem em alguns casos com períodos não-evento em posição inicial de parágrafo. Isto é pouco comum, pois os períodos tipo não-evento não costumam ocorrer em posição inicial de parágrafo, pelo menos dentro do texto de uma narrativa. Mas é verdade que os únicos períodos não-evento com vínculo são aqueles que ocorrem no início do parágrafo.

- (91) A'e rire je a'e i'ãï tema oka py.

'Depois disso ele ficava parado ali no quintal.'

Algumas vezes a redeclaração aparece em posição inicial de parágrafo com alguma conjunção que inicia o período. No presente estudo, a redeclaração é considerada não-evento, pois a sua função narrativa não é a de contar o que aconteceu. Os casos de redeclaração aqui analisados têm como objetivo iniciar a seção tipo evento de uma narrativa, após uma série de não-eventos. Aparecem no início do parágrafo, realizados como orações independentes, e vêm freqüentemente acompanhados de conjunção inicial. Nos dois exemplos a seguir, paralelos a (88) e (89), dá-se a parte inicial de cada narrativa. Sublinha-se a redeclaração que inicia uma seção de eventos.

- (92) Ymave xekyrīve jave peteigue aexa ra'u. A'e rami aguã ko pytũ ramove ma anhenô ma riae ajupy xerupa rupi. A'e gui ru aexa ra'u ajupy.

'Faz muito tempo, quando eu era mais jovem, tive um sonho. E por isso, logo que escureceu, eu ficava deitado na minha cama. Depois disso eu sonhei enquanto estava deitado lá.'

- (93) Yma xee xekyrī teri jave nda oroje'oi tape rupi. A'e gui oroexa peteĩ ava ipo xogue va'e. A'e va'e nda oka'u vaipa ou. A'e rami ete oka'u va'e ma bicicleta py ou oiny. A'e gui nda ou.

'Faz muito tempo, quando eu era criança ainda, caminhávamos pela trilha. Depois disso vimos um homem maneta. Muito bêbado, ele vinha se aproximando. Bem assim o bêbado vinha de bicicleta. Depois disso, ele veio.'

Estes casos de redeclaração inicial, portanto, são tratados sintaticamente como se fossem eventos, isto é, sendo realizados como orações independentes em períodos com vínculo. A ação deles é apresentada sintaticamente como se estivesse sendo contada pela primeira vez. Isto

constitui uma técnica especial para assinalar o início ou retomada dos eventos da narrativa. Os vínculos a'e gui 'depois disso' parecem desempenhar uma função como parte deste técnica.

Deve notar-se que, nos exemplos de vínculos que assinalam início de parágrafo, tais parágrafos iniciam ou resumem os eventos da narrativa. Parece provável, portanto, que o uso secundário de vínculos (o de iniciar parágrafos) não seja inteiramente separado do seu uso primário (o de indicar e interligar eventos específicos). Nestes casos iniciais de parágrafo, os vínculos se associam ainda com eventos, mas em escala maior. Seja como for, é este o único contexto em que períodos não-evento podem ter vínculo.

O segundo tipo de divergência da correspondência entre eventos e vínculos é bem mais comum: consta da existência de períodos evento sem vínculo. Apesar de sua frequência, só se realiza por motivos bem definidos.

Há um tipo de período evento, por exemplo, que aparece obrigatoriamente sem vínculo; é o período inicial de qualquer narrativa. Como já se notou no caso do primeiro período da narrativa típica (87), omite-se o vínculo pelo simples fato de não haver contexto anterior a que vincular o período. Na maioria das narrativas, evidentemente, o primeiro período não trata de evento, mas fornece a informação acerca dos participantes na sua oração independente.

(94) Yma xekyrīve jave xee nunca guyra'i xee ajuka va'e e'ÿ
teri.

'Faz muito tempo, quando eu era mais jovem, ainda não tinha morto passarinho nunca.'

Em períodos evento dentro do texto da narrativa, pelo contrário, omitem-se por vezes os vínculos por vontade do narrador, mas não por obrigação. O narrador dispõe de tal opção, porém, somente em determinados tipos de período evento.

Um tipo de situação em que o narrador pode valer-se desta opção é no meio do relato de um processo. Isto pode acontecer somente se vários dos períodos possuírem sujeitos correferenciais, e além disso, se o conteúdo estiver isento de 'surpresas' em relação à expectativa cultura.²⁵ Os parênteses vazios dos exemplos seguintes mostram onde possivelmente poderiam ter ocorrido os vínculos.

(95) A'e rã tu xee ajopy xerapa. () Anha aavy tape rupi.
() Ajapukai teĩ nombovai.

'E assim apanhei meu arco. () Saí correndo pela trilha. () Chamei, mas ele não respondeu.'

(96) Je onhembo'exe escola py. () Oo. () Ovaẽ professoraa py

'Ele quis estudar na escola. () Ele foi. () Ele chegou aonde estava a professora.'

Os períodos neste tipo de 'progresso contínuo' tendem a ser curtos. Por isso, três fatores – um processo culturalmente familiar, correferencialidade de sujeito, e brevidade – combinam-se

para dar a tal série de eventos um tipo de unidade conceptual em que a presença de vínculos seria pouco conveniente.

Um tipo de progresso contínuo facilmente ignorado é o de uma prolongada citação interrompida por várias margens pós-citacionais. Esta divisão em períodos resulta numa série de períodos evento, pois as citações e suas respectivas margens são consideradas como eventos na narrativa guarani.²⁶ Uma série de tais períodos, cada um dos quais termina com uma margem pós-citacional, constitui exemplo do 'progresso contínuo' descrito acima. Em tal série, uma vez iniciado o conteúdo da citação, raramente existem vínculos (exceto, naturalmente, dentro do próprio conteúdo da citação).

- (97) A'e rã je tamoi aipo e'i: -Aỹ ma, aỹ ma ereo 'rã mombyry, e'i. () -Tere ke tape rupi, e'i. () -Mombyry ereoa py erexa 'rã kamba vaikue va'e, ke ejuka, e'i.

'E assim o avô dele falou assim: -Agora pois, agora pois você deve ir para longe, ele disse. () -Vá ao longo da trilha, ele disse. () -Quando tiver ido bem longe, você verá um negro muito feio, mate-o, ele disse.'

Podem omitir-se facultativamente os vínculos de períodos tipo evento, quando estes conservam outro elemento — locução ou oração inicial — que fornece informação temporal.

- (98) Pytũ'i jave mba'ete rã onhendu vaikue rei.

'Quando estava escuro, ouviu-se algo medonho, eu não sabia o que.'

O vínculo pode ficar, porém, junto com a informação temporal.

- (99) A'e gui ma peteĩque aa jevy ma ita ra'y amono'õ vy.

'Depois disso, certa vez fui novamente colher pedrinhas.'

Apresenta-se uma terceira situação em que pode omitir-se facultativamente o vínculo num período evento, isto é, só o período resultante começa com uma locução iniciada pelo pronome anafórico a'e. Tais locuções introdutórias podem ser chamadas semi-vínculos, pois assemelham-se aos vínculos que são conjunções iniciais de período: a'e não somente aparece no início de ambos os tipos de locução, como também produz nos dois uma referência anafórica ao contexto que dá coesão ao todo. A principal diferença é que, ao passo que as conjunções iniciais do período são componentes do período, os semi-vínculos são constituintes oracionais, desempenhando com frequência papel nuclear com relação ao verbo. Entre estes semi-vínculos figuram locuções circunstanciais como a'e rami 'dessa maneira', a'e va'e gui 'de/por causa daquilo', a'e va'e rupi 'por aquele (lugar)', e a'e py 'naquele (lugar)', bem como expressões puramente referenciais como a'e va'e e a'e 'ele/ela' e a'e kuery 'eles'. Salienta-se o fato de que, na maioria dos períodos evento em que ocorrem semi-vínculos, mas não vínculos, o evento narrado constitui movimento de algum tipo.

(100) A'e va'e rupi jevy aa.

'Eu fui por aquele (caminho) outra vez.'

O movimento, em comparação com outros tipos de evento, é muitas vezes altamente predizível e de pouca consequência em relação à narrativa (Firbas, 1966, pág. 243). Assim, o movimento pode ser considerado freqüentemente apenas um evento marginal. Não somente o movimento, como também outros tipos de evento relatados por períodos com semi-vínculo, tendem a ser eventos apenas marginais, sobretudo aqueles eventos que, por sua prolongação temporal, se tornam quase estativos.

(101) A'e va'e re peteĩ vokokue amombopa rai'i ma voi.

'Eu joguei naquele (pássaro) quase todas (as pedras) do saco.'

Assim, parece que quando ocorrem semi-vínculos, a omissão de vínculos constitui uma opção para o narrador, principalmente no caso de eventos com características de evento apenas marginais. Tais períodos, portanto, podem não constituir autêntica divergência, senão um refinamento da correspondência fundamental existente entre vínculos e eventos.

Além disso, pode dizer-se em resumo que se um período evento carece de vínculo, vigora pelo menos uma das duas condições seguintes: ou o evento é apenas marginalmente informativo (como no 'progresso contínuo', movimento, etc), ou existe substituto ao vínculo (uma locução temporal ou um semi-vínculo). Por isso, em geral as divergências do padrão fundamental de eventos e vínculos são bem fundamentadas em termos de processos narrativos familiares.

Há mais uma maneira em que os eventos podem ocorrer sem vínculo, e até sem serem realizados como orações independentes. Este recurso será tratado como 'rebaixamento de eventos' em 3.3.3.

3.3. Não-eventos e orações dependentes.

Como indica a Figura 2, os eventos costumam ser realizados de uma só maneira, ao passo que os não-eventos podem ser realizados de duas formas, de acordo com sua função narrativa.

3.3.1. Tipos de não-eventos.

Certos tipos de não-evento são realizados tipicamente como orações dependentes, e outros como orações independentes em períodos sem vínculo. A diferença fundamental é que um não-evento do primeiro tipo é relatado principalmente como propósito de estabelecer as condições para a narração de algum evento (ou não-evento) específico; um não-evento do segundo tipo tem propósito fundamental diferente, relacionando-se tipicamente a um trecho mais extenso da narrativa. Para facilitar o estudo, vamos chamar os não-eventos do primeiro tipo restritos e os do segundo tipo extensos.

Os não-eventos podem ser classificados conforme a Figura 3.

NÃO-EVENTOS

Restritos

Montagem temporal
Motivo ou propósito
Redeclaração de vínculo
Realização

Extensos

Descrição de participante
Redeclaração com detalhe adicional
Explicação
Resumo
Seqüela

Qualquer dos dois

Circunstância

Nenhum dos dois

Redeclaração inicial

Figura 3.

Deve notar-se que a Figura 3 apresenta somente a classificação típica, não absoluta, para cada uma das categorias de não-evento. A descrição de participantes, por exemplo, é tipicamente um não-evento extenso, embora em raras ocasiões possa ser restrito. A circunstância carece de classificação típica. Já se analisou em 3.2.3. o caso da redeclaração inicial.

3.3.1.1. Não-eventos restritos.

Há, pois, quatro categorias de não-evento tipicamente restritas: montagem temporal, orações de motivo ou propósito, redeclaração de vínculo e realização. Cada categoria é realizada tipicamente por uma oração dependente, que estabelece as condições sob as quais o conteúdo do seu concomitante primário (a oração de que depende) possa parecer razoável ou bem fundamentado.

A montagem temporal é geralmente identificável mediante conjunção subordinativa temporal, e por via de regra é progressivamente dependente.

(102) Pytũ'i jave mba'ete rã onhendu vaikue rei.

'Quando estava escuro, ouviu-se algo medonho, eu não sabia o que.'

Motivo e propósito, analisados como 'causa-motivo' na Seção 2.2.4., são tipicamente realizados como orações regressivamente dependentes.

(103) A'e ramo ma oma'ẽ ma'ëve jevy xeayvu oguerovia vy.

'E assim, ele olhou e olhou mais uma vez porque acreditou na minha palavra (motivo).'

(104) Aa nhuã re ama'ẽ vy.

'Eu fui olhar (examinar) as armadilhas (propósito).'

A redeclaração de vínculo, realizada como orações progressivamente dependentes, funciona na narrativa para estabelecer as condições necessárias para o evento seguinte. Costuma não conter nova informação.

(105) A'e gui tu aexa ra'u ajupy. Aexa ra'u rã tu mamãe xereja merami oovy.

Depois disso sonhei enquanto estava deitado lá. Enquanto eu sonhava, parecia que mamãe ia embora e me deixava.'

Raras vezes se acrescenta nova informação a uma redeclaração de vínculo. Quando tal acontece, a informação acrescentada é normalmente predizível do contexto. Não é esta a função primária da redeclaração de vínculo.

(106) A'e vy apyta ajapyxaka aguã. A'e vy apyta a'amy jave onhendu vaikue rei va'e onhendu.

'E assim parei para escutar. E assim, quando eu ficava parado, ouviu-se um barulho medonho.'

Os casos de realização são analisados detalhadamente em 3.2.1., onde se dão vários exemplos de realização, tanto como evento como não-evento. Quando aparece na qualidade de não-evento, é tipicamente da classe restrita, sendo realizada como oração dependente.

Deve notar-se que todos os exemplos já apresentados nesta seção são de períodos tipo evento; ou seja, que os não-eventos restritos estabelecem as condições essenciais para algum evento em vez de um não-evento. A grande maioria dos não-eventos restritos ocorre em períodos evento. Mas utiliza-se às vezes uma oração de montagem temporal num período tipo não-evento. Neste caso, o não-evento na oração independente é da classe extensa.

(107) Yma xekyrĩve jave xee nunca guyra'i xee ajuka va'e e'ỹ teri.

'Faz muito tempo, quando eu era mais jovem (montagem temporal), ainda não tinha morto nenhum passarinho (descrição de participante).'

(108) Xee xekyrĩ jave xepu rei va'ekue.

'Quando eu era mais jovem (montagem temporal), era mentiroso (no contexto, isto constitui resumo).'

(109) Aỹ xetuja ma rire ma voi ko ndaxeapuvei.

'Agora que sou adulto (montagem temporal), não minto mais (seqüela).'

Os exemplos acima mostram a única maneira em que o alcance da montagem temporal pode ser mais amplo que um só evento, tornando-se tão extenso com o escopo da sua oração

independente. Desta maneira a montagem temporal, embora constituindo um não-evento restrito, pode aplicar-se a um parágrafo, episódio ou discurso, conforme o escopo do não-evento extenso ao qual está subordinada a montagem temporal.

3.3.1.2. Não-eventos extensos.

Há cinco categorias de não-evento extenso: descrição de participante, redeclaração com detalhes adicionais, explicação, resumo e seqüela.²⁷ Cada uma destas categorias realiza-se como oração independente num período sem vínculo.

A descrição de participante realiza-se tipicamente como oração estativa, componente da apresentação de certo participante principal (Dooley, 1976a, pág. 63ss). Por isso não se relaciona diretamente a nenhum evento específico.

(110) Yma xekyrĩ jave ma xee ndaikuaai jurua kuery ayvu.

'Faz muito tempo, quando eu era criança, não conhecia a língua dos civilizados.'

Quando a redeclaração tem como propósito primário o acréscimo de detalhes ou esclarecimento relativo a um evento já narrado, apresenta-se sob forma de não-evento extenso, realizado como oração independente num período sem vínculo.

(111) Teĩgue ma aa avei akaxa vy jurua kuery reve. Pikape py
oroje'oi.

'Certa vez também fui caçar com alguns civilizados. Numa camioneta nós fomos.'

(112) A'e gui ajevvy ajuvy. Ajapukai reve ajevvy ajuvy.

'Depois disso eu vim voltando. Chorando, eu vim voltando.'

Em (111) e (112) a glosa em português é bastante literal mostrando um traço importante da redeclaração com um detalhe adicional: qualquer informação nova aparece em posição inicial de período, dentro dos limites da gramática normativa. A classificação 'extenso' pode ser enganadora no que se refere à redeclaração com detalhe adicional. Tal detalhe pode se relacionar somente ao evento redeclarado, como em (111) e (112). Mas acrescenta-se após o fato e não como condição essencial para a compreensão daquele evento. Desta forma, a redeclaração com detalhe adicional difere da classe dos não-eventos restritos.

Podem ocorrer redeclarações deste tipo em série, cada uma com algum detalhe adicional, referentes a um só evento. Isto parece indicar que o volume de nova informação permitida para cada redeclaração é bastante reduzida.

(113) Yma xekyrīve jave ma aa ka'aguy re. Aa nhuã re ama'ẽ vy.
Mombyry ma aa aikovy ka'aguy re.

'Faz muito tempo, quando eu era mais jovem, fui até o mato. Fui ver (examinar) as armadilhas (a nova informação não aparece aqui em posição inicial de período, sendo oração de propósito). Uma boa distância eu ia mato adentro.'

Os casos de redeclaração com detalhe adicional, à diferença da redeclaração de vínculo, podem redeclarar não-eventos.

(114) A'e va'e nda oka'u vaipa ou. A'e rami ete oka'u va'e ma
bicicleta py ou oiny.

'Um bêbado de verdade, ele vinha (no contexto, constitui descrição de participante, como se vê em (93)). Bem assim, o bêbado vinha numa bicicleta.'

Uma explicação não faz parte da narrativa propriamente dita, mas serve de comentário sobre a história narrada. Adapta-se àquilo que o narrador julga necessário comunicar aos seus ouvintes para que estes compreendam plenamente o significado de algum aspecto da narrativa (Grimes, 1975, pág. 55ss.). O exemplo seguinte é um comentário final.

(115) Mombyry'i ramo e'ỹ ae akanhy ra'e aikovy.

'Eu realmente não me tinha perdido muito.'

Um resumo geralmente ocorre no início de uma narrativa, servindo de pré-estréia, pelo menos do segmento inicial da história narrada.

(116) Ymave xekyrīve jave peteĩgue aexa ra'u.

'Faz muito tempo, quando eu era mais jovem, certa vez tive um sonho.'

A seqüela, por outro lado, ocorre perto do final de uma narrativa. Seu propósito é de comparar ou aplicar a narrativa de qualquer maneira a condições posteriores, tipicamente àquelas existentes no momento de fazer-se a narração.

(117) A'e va'ekue juu aỹ peve oime xejyva re.

'Aquele espinho fica ainda no meu braço até hoje.'

Cada uma destas cinco categorias de não-evento extenso difere dos não-eventos restritos no sentido de ter um propósito primário que não seja a exposição de condições para o relato de um simples evento (ou não-evento).

3.3.1.3. Ambos os tipos.

Os não-eventos rotulados 'circunstância' constituem sempre estados, de acordo com os critérios léxico-gramaticais. Podem funcionar tanto como não-evento restrito (118) ou como extenso (119).

(118) Xerapa aikovy tape rupi vy rive ajuka guyrapa py.
'Já que eu tinha meu arco enquanto caminhava pela trilha, matei (a cobra) com o arco.'

(119) A'e py ma jurua kuery paiol oĩ ra'e.
'Naquele lugar havia um paiol que pertencia aos civilizados.'
(Seguem-se vários eventos relacionados ao paiol.)

Há pelo menos mais um tipo de não-evento que pode ser ou restrito ou extenso. A descrição de participante, embora apresentada na classe extensa da Figura 3, pode relacionar-se com uma oração específica e ser realizada como oração dependente.

(120) Nhandeporiaukue'i nhandekuai va'e vy joupe nanhavendei
va'erãgue.

'Já que somos gente pobre, não iríamos vender coisas uns aos outros.'

Tal uso, porém, é pouco comum, e por isso a descrição de participante considera-se tipicamente extensa.²⁸

3.3.2. Orações dependentes.

As orações dependentes são analisadas sob ponto de vista gramatical na Seção 2. do presente estudo. Aquela análise mostra que, com raras exceções, uma oração dependente justapõe-se ao seu concomitante primário, ou seja à oração da qual é dependente. Do ponto de vista de distribuição de informação, uma oração dependente constitui um não-evento restrito; isto é, sua função é de estabelecer condições para seu concomitante primário, geralmente condições essenciais para que o conteúdo daquele concomitante pareça razoável ou bem-motivado. Tal é o caso dos períodos guarani em narrativas ou em qualquer outro tipo de discurso.²⁹

Aplicado à narrativa, isto significa que um não-evento restrito irá estabelecer as condições para determinado evento E (ou não-evento NE) e será realizado como oração dependente cujo acompanhamento primário é o relato de E (ou NE). Significa outrossim que um não-evento extenso tende a não realizar-se como oração dependente, pois se fosse deste tipo seria subentendido como relacionando-se unicamente ao seu concomitante primário.

A ordem em que as orações aparecem num período é determinada quase que exclusivamente pela relação lógica existente entre uma oração dependente e seu concomitante primário, como se vê na Seção 2.2.4.

3.3.3. Rebaixamento de eventos.

Em determinados momentos duma narrativa, o falante pode apresentar os eventos como se fossem não-eventos restritos; isto é, ele pode narrar em orações dependentes as proposições que normalmente seriam narradas em orações independentes em períodos com vínculo.

(121) A'e rã je ¹uru yvy'ã re merami ojapukai rã je ²a'e katy oo
rire je ³a'e py ovaẽ rã je ⁴jipoi mba'eve.

'Então, ¹quando o galo cantou – parece que foi na subida– ²ele (o homem) foi naquele direção e depois, ³quando chegou lá, ⁴não havia nada.'

No exemplo acima, pelo menos as duas primeiras orações dependentes narram eventos. (A terceira oração dependente, sendo uma realização da segunda, qualifica-se provavelmente como não-evento, como se vê em 3.2.1.) Mesmo assim, estes dois eventos, sendo realizados por orações dependentes, são tratados como se fossem não-eventos.

Tal 'rebaixamento de evento' faz com que uma distinção aparentemente consistente entre eventos e não-eventos se torne difícil de perceber (pelo menos, do ponto de vista do analista), mas parece haver por trás dele um propósito bem definido. O narrador apresenta os eventos rebaixados de uma maneira menos saliente, não somente por dispô-los em orações dependentes como não-eventos, como também por narrá-los mais rapidamente, omitindo vínculos e intervalos de período. Desta forma, o evento que aparece finalmente na oração independente recebe destaque especial. O narrador, pelo simples fato de não subordiná-lo a uma oração posterior, o apresenta como sendo mais importante que os eventos por ele rebaixados. Assim, o rebaixamento de um evento constitui, realmente, a elevação de outro evento a uma categoria especial. Daí o fato de não nos surpreender a ocorrência desta fenômeno em pontos altos da narrativa, como por exemplo uma resolução, em que o evento salientado é de importância primordial. Tal é o caso de (121) acima, e é fato típico quando ocorre o rebaixamento de eventos.³⁰

Existe uma alternativa a esta técnica: os eventos que contribuem as auge de uma resolução podem sofrer rebaixamento parcial, no sentido de serem realizados sem vínculo, mas como orações independentes. Nisto consiste o fenômeno de 'progresso contínuo' analisado em 3.2.3. Nota-se aqui que 'progresso contínuo' é um fenômeno do mesmo tipo que 'rebaixamento de evento.' Ambos os fenômenos, ocorrendo como auge de uma resolução próxima, apresentam de maneira mais saliente algo que, de outra sorte, seria tratado como pleno evento, dando-se como resultado a crescente importância do evento na posição final, não-rebaixado.

3.4. Redeclaração.

A presente seção visa dar apenas um breve resumo dos principais fatos relacionados aos diversos usos de redeclaração. Tudo o que está aqui exposto já se apresentou em outras seções deste estudo, com análise mais detalhada e maior número de exemplos.

Uma vez narrado um evento, qualquer redeclaração do mesmo deve ter alguma função que não seja a de relatar os acontecimentos aos ouvintes. A redeclaração de um evento, portanto, constitui sempre um não-evento.

Há na narrativa guarani três tipos ou usos de redeclaração, cada um manifesto por diversos elementos sintáticos. Por exemplo, lendo-se a parte da direita (realização gramatical) da Figura 2. de baixo para cima, aparece a realização sintática dos três tipos de redeclaração: redeclaração de vínculo, redeclaração com detalhe adicional, e redeclaração inicial, respectivamente.

A redeclaração de vínculo é realizada como oração progressivamente dependente num período evento. Em lugar de uma redeclaração de vínculo, emprega-se freqüentemente uma

conjunção inicial de período (v. 3.2.2.). Estas duas variedades de vínculo indicam que logo em seguida virá algum evento na oração independente. Elas têm a função de ligar tal evento ao evento anterior. A redeclaração de vínculo, porém, ainda mais especificamente que uma conjunção inicial de período, expõe determinadas condições de sorte que o relato do evento na oração independente pareça razoável e com boa motivação.

(122) A'e gui tu aexa ra'u ajupy. Aexa ra'u rã tu mamãe xereja merami oovy.

'Depois disso, sonhei deitado. Enquanto eu sonhava, parecia que mamãe ia embora e me deixava.'

Uma redeclaração de vínculo reafirma sempre um evento, nunca um não-evento. Exclui tipicamente qualquer detalhe novo (3.3.1.).

Uma redeclaração com detalhe adicional (3.3.1.2.) se realiza como oração independente num período sem vínculo. Como está implícito no seu nome, ela serve de armação para o acréscimo de detalhes ou esclarecimento de alguma coisa já narrada.

(123) Teĩgue ma aa avei akaxa vy jurua kuery reve. Pikape py oroje'oi.

'Certa vez também fui caçar com uns civilizados. Fomos numa camioneta.'

Uma redeclaração inicial (3.2.3.) é tratada sintaticamente como se fosse um evento, sendo realizada como oração independente num período com conjunção inicial (embora às vezes se omita tal conjunção). A redeclaração inicial serve para prenunciar o início (ou retomada) do trecho — evento da narrativa, após uma seção não-evento. Tal tipo de redeclaração ocorre sempre em posição inicial de parágrafo. O elemento redeclarado é sempre alguma ação no sentido léxico-gramatical, mas pode ter sido ou evento ou não-evento quando narrado por primeira vez.

(124) Yma xee xekyrĩ teri jave nda oroje'oi tape rupi. A'e gui oroexa peteĩ ava ipo xogue va'e. A'e va'e nda oka'u vaipa ou. A'e rami ete oka'u va'e ma bicicleta py ou oiny. A'e gui nda ou.

'Faz muito tempo, quando eu era ainda criança, nós íamos por uma trilha. Depois disso vimos um homem maneta. Muito bêbado, ele vinha. Bem assim o bêbado vinha numa bicicleta. Depois disso ele veio (chegou).'

A redeclaração inicial, como a redeclaração de vínculo, costuma excluir detalhes adicionais.

3.5. O conceito de causalidade de Roger Schank.

Schank tem elaborado observações perspicazes relacionadas a períodos, as quais são convenientemente ilustradas no presente estudo da língua guarani. Escreve Schank: 'Dentro do contexto de um parágrafo, um período desempenha dupla função. Funciona normalmente para comunicar uma informação ou um significado. Mas, além disso, serve também para estabelecer

as condições necessárias para a existência de períodos posteriores naquele parágrafo' (1974, pág. 5).

Normalmente estes dois papéis do período são realizados de forma separada na língua guarani. Consideremos, por exemplo, uma narrativa que segue o padrão fundamental dado na Figura 2, e especificamente dois eventos E1 e E2, narrados um após o outro. Como exemplo específico, vamos supor que E1 e E2 são dois eventos consecutivos da narrativa (87).

E1: a'e py ma a'a

'lá eu caí'

E2: xejyva ambota juu re

'bati com o braço num espinho'

Segundo Schank, quando estes eventos são narrados na ordem E1-E2, a oração E1 tem uma dupla finalidade: a de narrar o que aconteceu, e a de preparar os ouvintes para E2, estabelecendo as condições que fazem com que E2 pareça razoável ou vem fundamentado. Na narrativa guarani, esta dupla finalidade da proposição E1 se incorpora no fato dela ser narrada duas vezes. Primeiro é narrada (como evento) somente com proeminência da primeira finalidade, isto é, deve-se contar o que aconteceu. Depois E1 é redeclarada (como não-evento, ou seja E1', chamado no presente estudo de 'redeclaração de vínculo'), e agora sua finalidade é a de estabelecer as condições para E2. O texto mesmo é o seguinte:

...a'e py ma a'a. A'a vy xejyva ambota juu re.

'...lá eu caí (E1). Quando caí (E1'), bati com o braço num espinho (E2).'

Por isso uma redeclaração de vínculo pode ser considerada simplesmente como incorporação separada e explícita daquilo que Schank chama o segundo dos dois papéis do período. Isto é, possui importante função catafórica, além da sua óbvia função anafórica (cf. Grimes, 1975, pp. 316 e 328).

Semelhantemente, uma conjunção inicial de período pode ser considerada a incorporação reduzida e menos específica desse segundo papel mencionado por Schank, sendo um tipo de vínculo reduzido (3.2.2.). O texto poderia ter sido composto da seguinte maneira:

...a'e py ma a'a. A'e vy xejyva ambota juu re.

'...lá eu caí (E1). E assim (por isso) (E1') bati com o braço num espinho. (E2).'

Tal versão representaria ambos as finalidades salientadas por Schank de maneira mais ou menos explícita.

Já que o padrão apresentado na Figura 2 é normativo para a narrativa guarani, significa que é normativo também que o papel ou função dupla referida por Schank seja incorporada separada e explicitamente na língua guarani, pelo menos no que diz respeito a uma oração que relata um evento. A primeira incorporação é uma oração tipo evento, a segunda um vínculo (redeclaração de vínculo ou conjunção inicial de período) que inicia o próximo período.

Notam-se, por todo o presente estudo, as divergências existentes com referência ao padrão fundamental da Figura 2. Certas destas divergências servem para suprimir um ou outro dos papéis referidos por Schank. Por exemplo, quando um período tipo evento aparece sem vínculo, acontece com frequência que fica implícito o segundo papel do evento anterior. Tal é o caso, por exemplo, do 'progresso contínuo', pois os sujeitos correferenciais e uma seqüência de eventos culturalmente plausível tornam desnecessária qualquer ligação causal explícita entre eventos, omitindo-se portanto os vínculos (3.2.3.). Se a seqüência E1 - E2 tivesse sido apresentada como progresso contínuo, teria resultado a seguinte versão:

...a'e py ma a'a. Xejoyva ambota juu re.

'...lá eu caí (E1). Bati com o braço num espinho (E2).'

Por outro lado, é possível deixar implícito o primeiro dos dois papéis salientados por Schank. E isso o que acontece no caso de 'rebaixamento de evento'; o evento não é contado como oração independente, mas apenas dependente (3.3.3.). Se E1 tivesse sido rebaixado, só E1" teria aparecido no texto, em vez de E1, assim:

...a'e py ma a'a vy xejoyva ambota juu re.

'...quando caí lá (E1") bati com o braço num espinho (E2). '

Tal procedimento teria realçado a categoria de evento de E2.

A narrativa guarani salienta muito bem o papel duplo referido por Schank. Mas nota-se, que em idiomas como o português a regra é deixar implícito o segundo destes papéis, ao passo que na língua guarani ambas as funções aparecem em forma mais ou menos explícita, na ausência de um bom motivo que deixa uma das funções implícita.

Notas

1. A língua guarani pertencente à família tupi-guarani, é falada por aproximadamente 2.000 pessoas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, e Mato Grosso do Sul. Encontram-se dialetos da mesma língua na Argentina, no Paraguai e na Bolívia. O presente estudo se baseia em pesquisas de campo realizadas em 1975, 1976 e 1977 no Posto Indígena Rio das Cobras, Paraná, sob auspícios do Instituto Lingüístico de Verão em cooperação com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Museu Nacional, Rio de Janeiro.
2. Que eu saiba, a literatura lingüística não distingue entre subordinação e coordenação em bases hierárquicas. Dik, porém, fala de uma construção formada por subordinação nestes termos: '... uma unidade que, na sua totalidade, pode ser coordenada com outras unidades' (1972, pág. 36).
3. Os termos 'núcleo de período' e 'periferia de período' vêm de Longacre, 1967.
4. Estes seis textos foram arquivados na Fundação Nacional do Índio em janeiro, 1977.
5. Aaron (1964) afirma que orações equacionais não podem ocorrer como orações subordinadas (dependentes), mas alguns exemplos como o que se segue, embora infreqüentes, indicam o contrário.

Nhandeporiaukue'i nhandekuai va'e vy joupe nanhanevendei
va'erãgue.

'Já que somos gente pobre, não iríamos vender coisas uns aos outros.'

6. A língua guarani tem seis vogais **i**, **ĩ** (escrita **y**), **u**, **e**, **a**, **o**; e quatorze consoantes **p**, **t**, **š** (escrita **x**), **k**, **k^w** (escrita **ku**), **ʔ** (oclusiva glotal, escrita **'**), **m** (escrita **mb** antes de vogal oral), **n** (escrita **nd** antes de vogal oral), **ɲ** (escrita **nh** antes de vogal nasal e **j** antes de vogal oral), **ŋ** (escrita **ng**), **ŋ^w** (escrita **gu**), **v**, **r**, **h**. A nasalização é regressiva numa palavra cuja sílaba final se escreve com til ou com um dos símbolos consonantais **m**, **n**, **nh**. A nasalização é também regressiva a partir de consoante nasal **m** (ou **mb**), **n** (ou **nd**), **ng**. Acentua-se a sílaba final de uma locução nominal ou verbal, a menos que seja indicado o contrário pela presença de um acento agudo. Os ditongos decrescentes, comuns dentro de uma palavra em que se justapõem duas vogais em morfemas contíguos, não são indicados.
7. Os radicais dos principais verbos auxiliares externos são: **-ovy** 'indo', **-uvy** 'vindo', **-tui** 'deitando', **-iny** 'sentando/continuamente' **-ikovy** 'acostumadamente', **-'amy** 'em pé', **eravy** 'levando', **eruvy** 'trazendo', **-moiny** 'fazendo sentar', **-mo'amy** 'fazendo ficar em pé', **-mondo** 'fazendo ir', **-kuapy** 'agindo uniformemente' (de sujeito plural), **erekovy** 'tendo', **jogueravy** 'acompanhando'.
8. Esta observação se relaciona quase indubitavelmente à anterior, ou seja, que os auxiliares externos formam uma classe limitada. Em Guarani, os enclíticos freqüentemente adquirem intensidade após uma palavra com que ocorrem com freqüência. Assim, **re** 'com referência a'

pós-posto se acentua após um pronome pessoal. Com os elementos pós-postos pe 'a' e gui 'de' acontece a mesma coisa.

9. A relação causal é menos óbvia em certos períodos de percepção sensorial ou mental, analisados em 2.2.4. sob a identificação 'causainiciação'. É possível que estes períodos sejam derivados de uma estrutura mais profunda, na qual seria mais explícita a causalidade. Assim, um período como 'Por causa de ele olhar, a casa ficava lá' pode ser derivada, mediante omissão de oração, de uma estrutura mais profunda como 'Por causa de ele olhar, percebeu que a casa ficava lá.'

10. As orações de propósito que dependem de uma oração de movimento muitas vezes (mas nem sempre) omitem o elemento aguã, como no exemplo seguinte, ou substituem vy 'mesmo sujeito', no lugar dele como no segundo exemplo.

aa ju escola py	
aporandu	∅

'Fui novamente à escola para pedir.'

jogueru ma	
dois poryko ojuka	vy

'Eles acompanharam um ao outro para matarem dois porcos.'

Comparando-se as diversas maneiras de subordinar uma oração de propósito a outra de movimento, parece usar-se aguã quando o propósito é de realização mais incerta, ao passo que \emptyset ou vy se empregam quando o propósito é simultâneo ao movimento ou por qualquer outro motivo, é mais provável que venha a ser realizada. Não se encontra rã, ou ramo, em substituição a aguã em orações de propósito. Isto reflete provavelmente o fato da oração de propósito ser geralmente correferencial com o sujeito da oração de que depende (Dooley, 1976a). O fato de que, em orações que indicam propósito, o sujeito pode geralmente ser previsto como correferencial com o da oração de que depende, faz com que muitas vezes se suprima o prefixo do sujeito no verbo da oração de propósito. Em especial,

- i) se a oração de propósito tiver um verbo transitivo cujo objeto ser realiza por uma locução substantival livre;
- ii) se a oração de que depende tiver um verbo de movimento;
- iii) se os sujeitos das duas orações forem correferenciais; então, é muito comum;
- iv) suprimir-se o prefixo do sujeito no verbo da oração de propósito;
- v) colocar-se o objeto, realizado por uma locução substantival livre, imediatamente antes do verbo da oração de propósito;

vi) ser vy a conjunção subordinativa.

Por esta razão, são comuns exemplos como o seguinte: oo xakã reka vy 'foi procurando lenha'.

Um fenômeno semelhante ocorre com verbos auxiliares transitivos externos: visto que o sujeito de um verbo auxiliar externo é correferencial com o do verbo precedente, verbos auxiliares transitivos externos não apresentam flexão de sujeito. Alguns apresentam flexão de objeto: ijayvu xemo'amy 'falou, causando-me ficar de pé/para eu fique de pé'; alguns não se flexionam: nhandeapete rei eravy 'nos enfiou, levando-nos'.

11. É ainda mais comum os verbos de percepção mental levarem em função complementar orações nominalizadas que relatam o fenômeno ou fato percebido.

Aiko porãa ereikuaa.

'Você sabe que eu estou passando bem.'

De acordo com o tipo de dependência considerado no presente estudo, tais complementos nominalizados não são orações dependentes. Nota-se também que, assim como a percepção sensorial se realiza através da dependência de uma oração, ela mais raramente se realiza em dois períodos.

Oma'ë oka katy. A'e rã je yro'y o'a porã'i.

'Olhou para o terreiro. Então, tinha caído muito gelo.'

12. Tal regra aumenta ainda mais a evidência de que os verbos auxiliares externos não constituem orações dependentes (2.1.3.), pois quando o primeiro dos dois vy pertence a um verbo auxiliar externo, não há omissão de vy.

Oeko oovy vy ojou ita kua.

'Quando ele ia olhando (literalmente, 'olhava indo'), encontrou num buraco na rocha.'

13. Este exemplo ilustra a principal diferença entre as duas palavras aditivas avei e guive, ambas glosadas 'também': os dois itens logicamente ligados por guive ocorrem no mesmo período, ao passo que aqueles vinculados por avei ocorrem em períodos diferentes. Por esta razão avei não aparece com predicções omitidas, pois tal predicção deve ser subentendida de alguma predicção coordenada dentro do mesmo período. guive possui também a força de expressão de um elemento temporal posposicional: yma guive 'desde há muito tempo'.

14. Em estudo anterior (Dooley, 1976b) afirmei não existir a'e rami gui na qualidade de conjunção inicial. Mas descobri recentemente um exemplo de tal uso:

A'e rami gui pejupa ke nanhomboaty aguã.

'Por essa razão todos vocês venham para nós nos reunirmos.'

O significado parece ser causal em vez de temporal. Isto sugere que talvez a'e gui possa incluir no seu significado algum componente causal, em contraste com a minha análise anterior.

15. Existe já uma análise preliminar da entonação guarani (Dooley, 1975).

16. Aaron (1964) classifica orações permissivas, imperativas e interrogativas como sendo subtipos dos quatro principais tipos oracionais. Ele cita o seguinte exemplo de um marcador interrogativo (pa) numa oração dependente.

Ereke vy pa ereo ta?

'É para dormir que você está para ir?'

Esta oração de propósito, bem como outras orações de propósito e maneira, aproxima-se bastante da categoria dos constituintes oracionais.

17. Pike sustenta há muito tempo que 'os períodos mesmos não podem ser analisados sem serem referidos a relações de nível superior' (1967, pág. 147).

18. O referido livro foi composto durante o Sexto Seminário para Produção de Literatura Indígena, patrocinado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Instituto Lingüístico de Verão (SIL) e realizado em Brasília, D.F., de 18 de abril a 10 de junho, 1977. Este livro está arquivado na FUNAI e no SIL, Brasília.

19. Esta dupla divisão de informação, ou alguma disposição semelhante, se encontra em pelo menos três outras línguas indígenas do Brasil: Munduruku, Sheffler, (1970), Kayapó (Stout e Thomson, 1971) e Canela (Popjes, 1974). Kathleen Callow analisa este fenômeno, utilizando a terminologia de material 'temático' vs. 'secundário' (1974, pág. 53ss). O presente estudo emprega a terminologia de Grimes (1975, caps. 3 e 4).

20. Os termos 'restrito' e 'extenso' são adaptados de Levinsohn (1977, pág. 20), mas os elementos espaço-temporais que esse autor analisa em relação ao grego do Novo Testamento parecem um pouco diferentes dos tipos de não-eventos aqui apresentados no contexto guarani.

21. Esta terminologia é adaptada de Schank 1974. A mesma classificação léxico-gramatical é analisada por outros autores em termos de 'dinâmico' vs. 'estativo' (Grimes, 1975, pág. 120ss) e 'evento' vs. 'estado' (Beekman e Callow, 1974, pág. 274).

22. Veja, por exemplo, Lakoff (1973, pág. 3): 'Os negativos atuam como predicados estativos'.

23. É isto que Schank denomina de 'normalidade' (1974, pág. 6).

24. Alguns períodos evento iniciais têm, em lugar do vínculo, uma locução temporal como por exemplo peteigue 'certa vez'. Às vezes até este elemento falta.

25. Esta condição de processo ou progresso contínuo também influi na determinação de referentes para expressões referenciais na narrativa guarani (Dooley, 1976a, pág. 13).

26. De acordo com as normas da língua portuguesa, a expressão aipo e'i 'assim (ele) falou' vem seguido de dois pontos. Mas conforme a sintaxe guarani neste caso seria bem apropriado colocar um ponto final. O(s) período(s) após aipo e'i, que consiste(m) no conteúdo da citação mais a margem pós-citacional e'i '(ele) disse', ficaria(m) em aposição ou funcionaria(m) como expansão do período inicial, aipo e'i.

27. Grimes menciona mais um tipo de não-evento, o colateral (1975, pág. 64ss). Este está incluído na seção de redeclaração com detalhe adicional no presente estudo.

28. É também comum a apresentação de descrições de participante sob forma de orações relativas. Já que estas orações estão encaixadas em outras orações, e por vezes dentro de locuções nominais, estão fora do âmbito do presente estudo, o qual trata propriamente da estrutura de períodos.

29. Esta interpretação da função de orações dependentes difere em certos pontos da caracterização de orações dependentes como informação previamente dada, conforme a teoria de Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik com relação à língua inglesa: 'a informação em orações subordinadas não é afirmada como fato novo, mas pressuposta, como tendo sido dada previamente' (1972, pág. 551). Tal interpretação é coerente com o fato de que a subordinação pode ser considerada 'como o 'rebaixamento' de uma oração à categoria de unidade subordinada' (op. cit., pág. 721), e com o fato de ser a maneira típica de indicar a categoria de 'previamente dada', o 'rebaixamento do material dado' (Chafe, 1974, pág. 114).

Na língua guarani, porém, a correspondência entre as orações dependentes e a qualidade de 'previamente dada' é apenas aproximada. Não somente existem orações independentes de informação previamente dada (a redeclaração inicial de 3.2.3., por exemplo), como também há orações dependentes constituídas inteiramente por nova informação (analisadas em 3.3.3). É mais vantajoso, na língua guarani pelo menos, descrever as orações dependentes do ponto de vista das suas funções quanto à narrativa.

30. O rebaixamento de eventos tem sido observado em escala mais ampla nos textos compostos por um autor principiante. Dos primeiros textos dele provém muitos dos períodos longos analisados na Seção 2, particularmente os de 2.2.5. Mas em textos mais recentes, ele diminui substancialmente o número de eventos rebaixados, conformando-se mais com o padrão fundamental descrito no presente trabalho.

É interessante, contudo, notar o provável motivo da tendência dele rebaixar eventos, de modo excessivo, nos primeiros textos escritos. Parece provável que ele estava descuidando da entonação. As orações progressivamente dependentes costumam ter entonação crescente, e as independentes entonação decrescente. Por isso, baseando-se somente no contorno entonacional de uma narrativa oral, o ouvinte sabe se esta ou aquela oração é dependente ou independente; aliás, é este realmente o único indício, enquanto a oração está sendo enunciada. O outro indicador de subordinação, a conjunção subordinativa, ocorre somente depois da própria oração (fórmula (41)). Por esta razão, o autor que pensa de maneira incorreta que uma oração dependente tem entonação decrescente, ou que descuida inteiramente da entonação, não se importando com a diferença entre orações dependentes e independentes, provavelmente irá considerar que as orações dependentes contém o mesmo valor afirmativo possuído pelas orações

independentes. Se este for o caso, ele não verá impedimento para o uso da subordinação na narração de certos eventos que de outra sorte seriam considerados dignos de ser narrados em orações independentes.

Bibliografia

- Aaron, Waldo. 1964. Relatório ao Deptº de Estudos Técnicos do SIL sobre análise oracional – 6 de março.
- 1965. Locução verbal guarani, ms.
- Beekman, John e Callow, John. 1974. Translating the Word of God. Grand Rapids: Zondervan.
- Callow, Kathleen. 1974. Discourse Considerations in Translating the Word of God. Grand Rapids: Zondervan.
- Chafe, Wallace L. 1974. "Language and consciousness", *Language* 50: 111-133.
- 1976. "Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view". In: Li, Charles N., redator, Subject and Topic. New York: Academic Press, p. 25-56.
- Dik, Simon C. Coordination: Its Implication for the Theory of General Linguistics. Amsterdam: North-Holland.
- Dooley, Robert A. 1975. Entonação na Língua Guarani, ms.
- 1976a. Participantes na Narrativa Guarani, ms.
- 1976a. Participants in Guarani Narrative, ms.
- 1976b. "Elementos Iniciais de Períodos Guarani", ms.
- Firbas, Jan. 1966. "Non-thematic subjects in contemporary English", *Travaux linguistiques de Prague* 2:239-56.
- Frantz, Donald G. 1975. "Notes". In: Thomas, David, ed. Notes and Queries on Language Analysis. Language Data: Asian-Pacific Series Nº 10. SIL, Huntington Beach, California. p. 77-89.
- Gregores, Emma e Suarez, Jorge A. 1967. A Description of Colloquial Guarani. *Janua Linguarum, series practica* 27. Haia: Mouton.

- Grimes, Joseph E. 1969. *Phonological Analysis, Part I*. Santa Ana (E.U.A.), Summer Institute of Linguistics.
- 1975. The Thread of Discourse. Haia: Mouton.
- Halliday, M.A.K. 1970. "Language structure and language function". In: Lyons, John, redator, New Horizons in Linguistics, Penguin. p. 140-165.
- Lakoff, George. 1973. Adverbs and Modal Operators. Indiana University, Linguistics Club. mimeógrafo.
- Levinsohn, Steve. 1977. "The grouping and classification of events in Mark 14", Notes on Translation. 66:19-28.
- Longacre, Robert E. 1967. "The notion of sentence". In: Blansitt, Edward L. redator. 18ª Mesa-redonda anual. Monograph N° 20, Georgetown University. p. 15-25.
- Pike, Kenneth L. 1967. Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior. Haia: Mouton.
- Popjes, Jack. 1974. Primary and secondary information in Canela narrative. ms.
- Quirk, Randolph, Greenbaum, Sidney, Leech, Geoffrey e Svartvik, Jan. 1972. A Grammar of Contemporary English. Londres: Longman.
- Schank, Roger C. 1974. *Understanding Paragraphs (Relatório Técnico 5)*. Istituto per gli Studi Semantici e Cognitivi Castagnola.
- Sheffler, Margaret. 1970. Munduruku discourse. ms.
- Stout, Mickey e Thomson, Ruth. 1971. "Kayapó Narrative", International Journal of American Linguistics. 37:250-256.